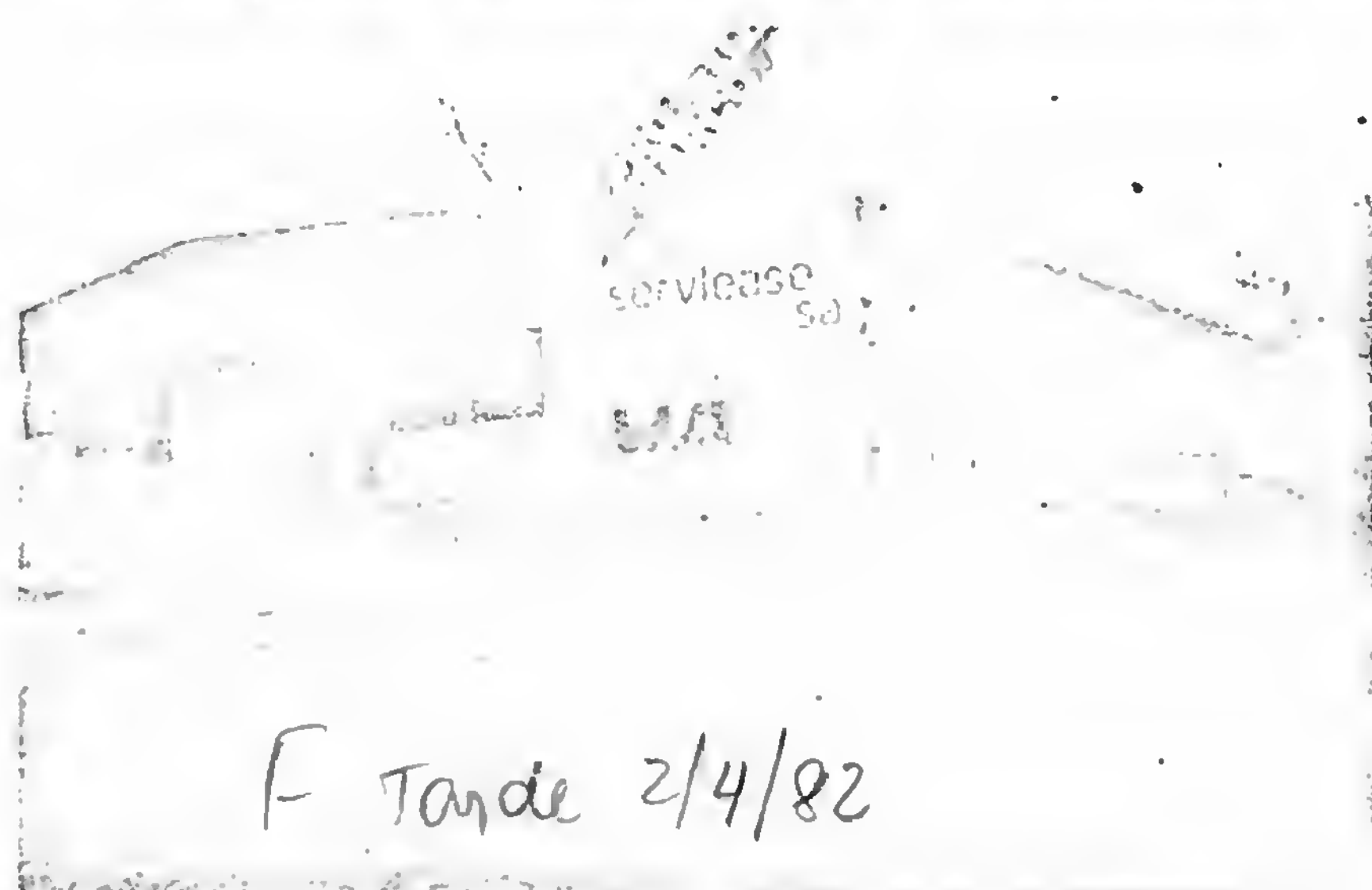


Quase pronta a creche do Projeto Marco no Butantã



O presidente Figueiredo deverá inaugurar a creche

As obras da primeira creche do Projeto Marco-Múltipla Ação Regional Comunitária no Butantã estão quase concluídas. Ontem, membros da comunidade do bairro e do GAP — Grupo de Assessoria e Participação — reuniram-se no local para ultimar providências a fim de instalar a creche. Ela atenderá — segundo explicou o eng.º Roberto Paulo Richter — a 120 crianças de até seis anos e será gerenciada exclusivamente por empresários da região. A Prefeitura da Capital cedeu o terreno, localizado no Jardim Namba (confluência das avs. João Jorge Saad e Francisco Morato).

Na oportunidade, o empresário Theobaldo de Nigris, que é o presidente do Projeto Marco (entidade civil sem fins lucrativos), explicou que caberá aos empresários da região manter a creche, desde os serviços administrativos até o atendimento às crianças.

O Projeto Marco, que nasceu de sugestão apresentada pelo núcleo de Polícia Comunitária do 15.º Distrito, deverá instalar até o fim do ano mais 50 creches na Capital. O objetivo do Projeto — segundo Roberto Paulo Richter — é eliminar o "cabide" de empregos públicos. Cada empresário contribuirá financeiramente para a manutenção da creche e "emprestará" funcionários.

Na reunião de ontem estiveram presentes os empresários Renato Costa Lima, Walter Dal Pino, Roberto Calil, o secretário do Bem-Estar Social — Cobes — da Prefeitura, Wilson Quintela, os publicitários Alex Periscinoto e Nelson Elendi e membros do GAP. A reunião estabeleceu diretrizes para o rápido funcionamento da creche, que deverá ser inaugurada ainda este mês pelo presidente João Figueiredo, segundo adiantou o eng.º Roberto Paulo Richter.

Empresa seguirá norma *12* sobre o leite em pó *F/UP 3/4/82*

Apesar de a diretoria de "Marketing" da Nestlé do Brasil ter informado há poucos dias que a empresa não alteraria seu procedimento em relação à estratégia de propaganda utilizada para a sua linha de leites infantis, desobedecendo desta forma o novo regulamento elaborado pela matriz da multinacional (que se adapta às recomendações da OMS — Organização Mundial de Saúde), ontem, o presidente da empresa brasileira, Alexandre Mahler, e a diretoria, convocaram a imprensa para dizer exatamente o contrário: serão respeitadas as novas normas emanadas da matriz.

Aliás, segundo Mahler, "a maioria dessas normas já é praticada no Brasil há muito tempo, bem antes de sair o regulamento oficial do Grupo Nestlé. E os ajustes que teremos de fazer são mínimos". Até o final deste ano, de acordo com o que afirma, a empresa brasileira já estará perfeitamente adaptada. Quanto à informação da diretoria de "Marketing" de que a Nestlé só mudaria sua atuação quanto à propaganda de leites infantis caso fosse aprovado projeto de lei nesse sentido, foi apenas "um tremendo mal-entendido", segundo os diretores.

Em maio do ano passado, 118 dos 119 países presentes à Assembleia da OMS, em Genebra, aprovaram o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno (só os EUA votaram contra), com a finalidade de impedir que a propaganda indiscriminada dos produtos para lactentes desestimule a prática do aleitamento materno, o que, segundo os médicos, pode trazer consequências danosas para a saúde das crianças.

As recomendações da OMS não têm valor legal, isto é, os países membros do órgão não são obrigados a acatá-las. Entretanto, mais de 20 países já transformaram o novo código em lei, adaptando-o às suas peculiaridades locais. O Grupo Nestlé — que detém metade do mercado mundial de leites infantis e é a única empresa que os fabrica no Brasil, tendo vendido em 81, cerca de 28 milhões de latas — depois de pressionado por um boicote de consumidores norte-americanos favoráveis ao aleitamento materno, decidiu criar novas regras internas para a comercialização de seus produtos para lactentes, mais de acordo com as recomendações da OMS. Elas foram divulgadas oficialmente pelo grupo, em meados do mês passado.

"Mas nós aqui do Brasil não temos muito que mudar para nos adaptarmos às novas normas", afirmou o presidente. "Nunca fizemos propaganda massiva dos produtos para lactentes. Jamais dissemos que o leite industrializado substitui o materno. Nossas



Alexandre Mahler, presidente da Nestlé.

embalagens já trazem advertências para as mães no sentido de que a alimentação no seio é a ideal para a criança. Não temos relacionamento de propaganda direto com as mães e nosso contato com a classe médica é sempre do ponto de vista científico".

O principal ajuste às novas normas, segundo Alexandre Mahler, diz respeito ao rótulo dos leites infantis (a Nestlé no Brasil fabrica seis tipos de produtos para lactentes, cuja comercialização representa 4% de seu faturamento global). Serão retiradas as fotografias de mães ou crianças constantes nas embalagens e a redação do lembrete às mães será a mais clara possível.

Entre os novos procedimentos, destaca-se que as amostras dos produtos somente serão distribuídas a profissionais da área de saúde, mediante solicitação por escrito. O formulário para essas solicitações, segundo o presidente da Nestlé, foi feito da forma recomendada pela OMS.

E, apesar de a Nestlé não associar o leite Ninho à linha de produtos para lactentes — "é apenas leite integral em pó" — este também vai ter o seu rótulo alterado, com uma advertência ao consumidor de que seu uso não é indicado para lactentes.

Essas novas normas da Nestlé vigoram, segundo Alexandre Mahler, nos países onde ainda não existe legislação específica sobre a comercialização de leites infantis. Nos que já a possuem, a empresa se adapta. No Brasil ainda se estuda a regulamentação do assunto, mas o presidente acha que, se a lei vier, a Nestlé já estará praticamente dentro dela.

Nestlé garante que vai atender a OMS

Retirar a figura da mãe com o bebê dos rótulos, manter a indicação de que os produtos para lactentes só devem ser usados como complementação alimentar ou quando não há condições de amamentação natural e continuar a não fazer propaganda direta, são algumas das normas a serem adotadas pela Nestlé. O anúncio foi feito ontem, pelo seu diretor-presidente no Brasil, Alexandre Mahler, que enviou carta ao Ministério da Saúde, informando as diretrizes que a empresa passará a adotar, acatando as recomendações da Organização Mundial de Saúde antes mesmo de o País regulamentar a aplicação do Código de Comercialização dos Substitutos do Leite Materno.

Na carta, Mahler comunica que, de acordo com a decisão da empresa, a Nestlé do Brasil continuará adotando os procedimentos de comercialização utilizados como norma interna de seu grupo em todo o mundo, até que haja um pronunciamento oficial quanto à aplicação do código da OMS no País. Afirma, também, que os atuais métodos de trabalho praticados pela Nestlé no Brasil já se enquadram praticamente nas normas de procedimento divulgadas recentemente pela Sociedade Nestlé nos Estados Unidos.

"Essas instruções definem práticas de marketing específicas para as fórmulas infantis, consideradas apropriadas pela Nestlé, de acordo com as recomendações da Organização Mundial de Saúde, divulgadas em maio do ano passado", afirmou o diretor-presidente da empresa. Segundo ele, "destinam-se a ser aplicadas em países nos quais não

foram adotadas medidas específicas de âmbito local, quanto ao Código de Comercialização dos Substitutos do Leite Materno. As regras aplicam-se a todas as empresas Nestlé, inclusive àquelas em que temos participação minoritária, bem como aos nossos agentes e distribuidores".

Alexandre Mahler confirmou, porém, que a empresa continuará fornecendo produtos lácteos aos médicos pediatras que os solicitarem como amostra grátis. Segundo ele, a propaganda enviada em forma de folhetos, catálogos e cartazes, aos consultórios, maternidades e postos de saúde, também continuará. "mas será acompanhada de folhetos informativos sobre o correto preparo e aplicação dos produtos".

Dependendo da disponibilidade do produto, quantidades de fórmulas infantis poderão ser fornecidas às instituições a curto prazo ou gratuitamente, mediante solicitação por escrito, pois os rótulos das fórmulas infantis contêm informações claras sobre a superioridade do leite materno e sobre a importância de um preparo correto.

Esse procedimento, porém, não inclui o leite Ninho, produto mais vendido pela empresa, já que é considerado pela Nestlé como "leite natural" e não tem o uso específico para lactentes. No ano passado, foram vendidas 110 milhões de latas do produto no País, mas Mahler afirma que, se incluirmos as novas especificações no rótulo desse alimento, estaremos criando confusão e levando o consumidor a acreditar na sua indicação para lactentes.

Feminismo

FISP 4/4/82 p. 60 CNP 11/4/82 18.60

Dona de casa, tarefa desprezível

IREDE CARDOSO

O tempo em que as mulheres esperavam casar-se, ter filhos, criá-los para, depois, começar sua carreira começa a fazer parte do passado. Os americanos realizaram inúmeras pesquisas para mostrar que o nível de aspiração das mulheres começava a ficar mais alto à medida que elas se aproximavam da idade madura, porque seus filhos já estavam feitos. Isto está mudando.

Essa inversão no comportamento das mulheres começa a ocorrer na França, por exemplo, onde os partidos políticos recebem mais e mais inscrições do antigamente chamado sexo frágil e com pouco mais de vinte anos. Outra questão que vem sendo observada entre os franceses é o fato de que os casamentos com mulheres interessadas em política não têm sido prejudicados, mesmo quando elas têm filhos pequenos e maridos com ideologias diferentes. Como resiste um casal assim formado? Esse é um mistério que ainda desafia os entendedores. Não há pesquisas que possam explicar ou ao menos dar início à compreensão do porquê um homem ligeiramente de centro-direita convive com uma companheira socialista. Esses casos foram levantados pela imprensa francesa e deverão, dentro de pouco tempo, certamente, ser tema de pesquisas acadêmicas.

Ao que tudo indica, a luta das mulheres, nessa última onda de feminismo, tem de fato trazido consideráveis modificações no pensamento e no comportamento de homens e mulheres.

Hoje já não é difícil flagrar conversas brincalhonas em restaurantes ou festas, nas quais homens caçoam de outros dizendo que "só são objetos sexuais". Não há por que deixar de saudar com alegria essa incorporação na

linguagem daquilo que outrora consideradas rancorosas feministas colocavam com vigor em seus debates.

Todavia, se as francesas mostram hoje indiscutível força ao procurar preencher fichas partidárias, isso se deve a toda uma postura social que o país tem tentado manter. Nada como eleições para que o votante passe a ser mimado. Secretarias para mulheres, leis que excluem a possibilidade de discriminação, mulheres ministras, candidatas discutindo seus programas e um belo movimento feminista apoiando o socialismo (francês, claro), tudo isso faz parte, hoje, da realidade de grande parte da população feminina francesa.

As mulheres francesas não querem mais ser chamadas para participar de festinhas políticas onde servem "petit fours" ou organizam as amenidades ditadas femininas. No entanto, em alguns partidos elas estão inscritas apenas como mulheres dos seus maridos, fazendo quase a maioria dos inscritos no quadro partidário.

Mas ao mesmo tempo que esse fenômeno ocorre na França, pode-se dizer que até o momento ainda chovem queixas sobre a timidez das mulheres. E, é claro, essas queixas vêm de homens que, com toda razão, impacientam-se pela demora no aprendizado da "agressividade", comportamento considerado fundamental para a mulher que se atreve a penetrar nesse mundo para o qual não foi criada.

De modo geral, as mulheres que se decidiram por maior participação na política tiveram relativo treinamento em organizações autônomas, seja na área da ecologia, em associações femininas, de moradores, etc. Acontece, durante as discussões travadas nessas entidades, que os participantes entendem

a necessidade de uma atuação mais ampla na sociedade.

E nós, mulheres, sabemos que um dos mais cruéis sentimentos aprendidos em nossas vidas é o de ser incompetentes para desempenhar papéis de maior responsabilidade aparente. Nos nunca paramos para pensar no que significa responsabilizar-se por crianças, pela administração de uma casa, pela economia eficaz de orçamentos que exigem, de fato, o milagre. Esse milagre existe — e só ele — e é vivido cotidianamente por milhares e milhares de donas de casa. No entanto, como tudo aquilo parece se passar entre quatro paredes e, assim, pode ser resolvido com um certo "jeitinho", temos a impressão de que não sabemos resolver corretamente todas as questões.

De fato, ao conhecer o mundo político e a administração de modo mais amplo, percebemos que muitos fatores desconhecidos pesam em nossas decisões. Forças "ocultas" organizam-se contra tudo aquilo que parece mais simples; interesses de grupos se interpõem. Mas o que uma mulher nunca deve ignorar é que, em política, nada se faz sozinho.

Portanto, em política, dá para caminhar mais depressa que quando arrumamos uma casa, por exemplo, ou fazemos mamadeiras e as esfriamos no ponto certo para o bebê. A questão, entretanto, é descobrir a vocação: uma política limpa, nutritiva, voltada para a imensa família social ou fechada entre quatro paredes, limpa e nutritiva igualmente? As mulheres sabem que, como donas de casa, não recebem férias, 13.º salário, aposentadoria, não têm direito a descanso semanal. Em termos objetivos, portanto, ser dona de casa continua sendo uma tarefa desprezível para o mundo capitalista.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha de São Paulo*
Data: *06/04/82*
Pág.: *8*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

**LBA incentiva *R12*
o aleitamento**

A Legião Brasileira de Assistência, LBA, mandou celebrar ontem missa em ação de graças, na igreja Dom Bosco, pelo terceiro aniversário da administração Lea Leal. Também inaugurou uma creche, no Centro Social da entidade em Taguatinga e lançou o programa "Mães de Leite", que tem como objetivo implementar, nas creches da LBA, o uso do leite materno, para crianças de zero a seis meses de idade.

FS 6/4/82

Palavra de mulher

São três mulheres diferentes. Uma vontade: entender o mundo em que vivem e militam. São três modos, três linguagens: a tese de Rosalina, os poemas de Léia, as memórias de vida de Maria Moraes.

Por Teresa Verardo e Marília Carvalho



Léia

Para entender o cotidiano é preciso vê-lo com olhos de mulher (Leon Trotsky)

Libertar a mulher? Não se trata de simplesmente integrar num programa as reivindicações da metade feminina da humanidade. Um movimento que pretende modificar a sociedade e criar um mundo novo precisa estar convicto de que encarna os interesses universais da humanidade, que vê o mundo pelos olhos dos oprimidos. A modificação radical da sociedade não "liberta a mulher", mas liberta a humanidade de um certo estilo de vida em que o prazer, a poesia são sempre a contrapartida da dominação e da violência.

Em *O Sol e Eles*, Léia Aparecida de Oliveira, metalúrgica do ABC e militante sindical, vê o mundo com olhos de mulher. Com olhos de operária, com A maiúsculo no final. Mais do que isso, com olhos de mulher-operária-poeta.

"O tempo é um mero controle introduzido pelo capital para o cálculo do que se produz, e quanto, por um trabalhador. Quer braçal ou não. A bem dizer o ditado: "tempo é dinheiro". Portanto, o que mais nos falta hoje em dia é tempo, cada vez menos tempo, mais produção e menos dinheiro e, como máquinas, mal nos alimentamos para alimentar outra máquina, e mal descansamos, mal vemos, mal nos encontramos, mal nos amamos, mal sonhamos, mal lemos, mal sobrevivemos. Então torna-se muito difícil falar dos sentimentos que vão em nossas almas atordoadas de pressa e afogadas pelo pouco espaço para se viver. Assim o

poeta morre, sem ao menos ter nascido nos olhos da criança que vê atrás da muralha de cada um de nós, e aí se insurgir detrás das máquinas à procura de cada significado, de cada momento, querendo absorver até a última gota do que nos foi roubado. É um ato de ousadia e loucura quando não há sequer um tempinho prá sentir e interrogar: por quê? Por que tenho que fazer tantas peças? Para onde vão? Prá que servem? Porque nos despedem a hora que querem e nos tiram sindicatos? Por que nos tiram as terras? Por que a cidade? Por que este mundo está assim? Não poderia ser diferente, senão perfeito, mas melhor?

Engolimos tudo às pressas, congestionando nossas mentes e corpos com tanto consumismo que nos lança a máquina da propaganda e tudo porque não há tempo, portanto não se pensa. Aí a busca e a procura do cantar dos pássaros que voam lá pelas árvores afóra do dia que ficou distante na infância perdida e o encontro com a trajetória de nossos passos é algo que expresso pode ser duramente ignorado por ser tão fora de nosso tempo. Mas quem aprendeu a voar jamais será podado por uma indiferença de um tempo que não existe e não existem celas nem mortes que possam aprisionar ou matar os sonhos de quem sonha além desse tempo. A poesia subverte todo o momento... (da introdução do seu livro)

• *O Sol e Eles*, Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores.

Maria

O que está no fim não é o feminismo, é um certo tipo dele.



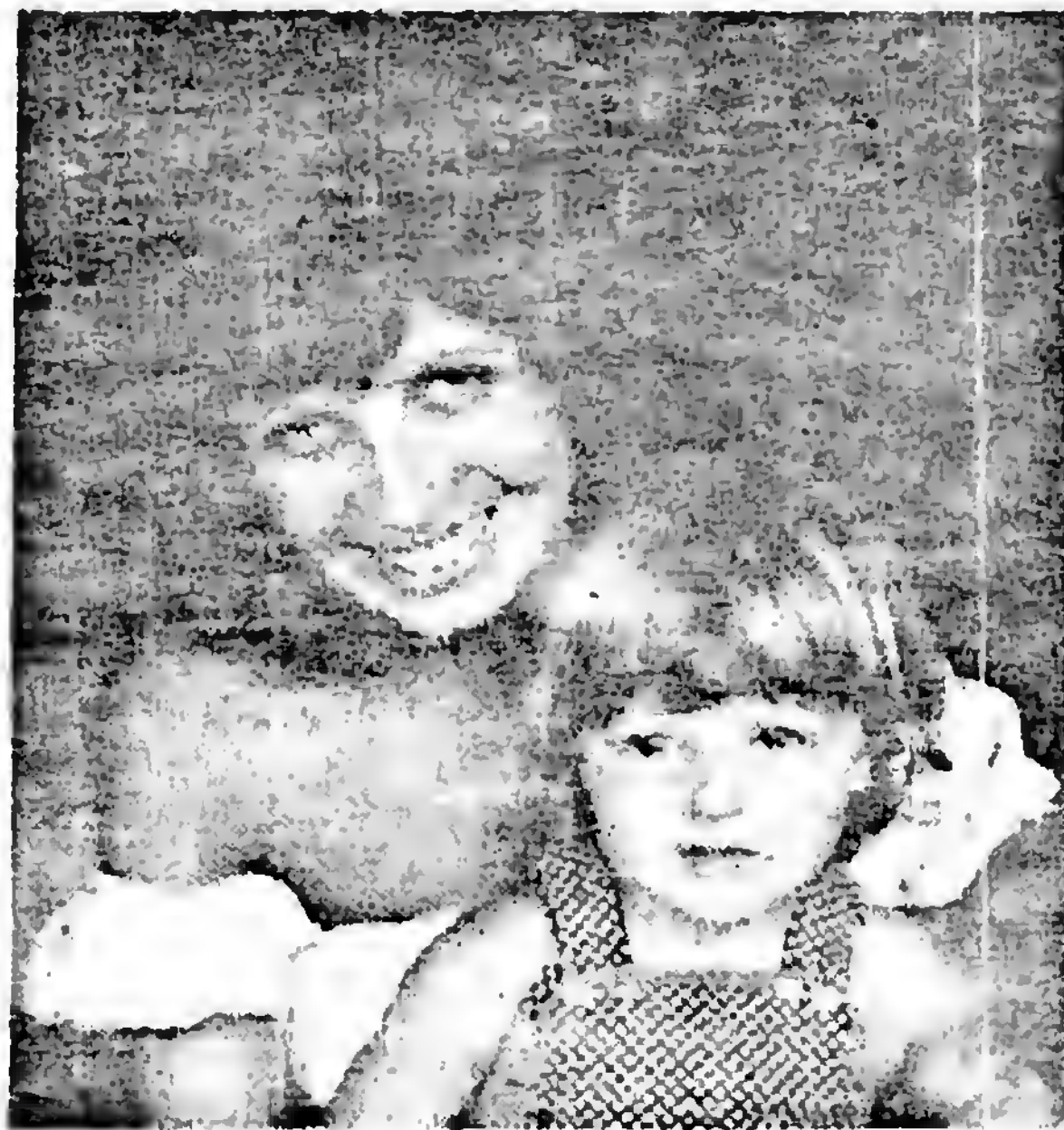
Foto: Rosa Gaudiano

Maria Quartim de Moraes, socióloga, uma das fundadoras do grupo Nós Mulheres em 1975 e integrante do S.O.S. Mulher, escolhe a forma de memórias para falar de suas dúvidas e certezas sobre o movimento de mulheres, no livro **Vida de Mulher**. Ela nos diz quase textualmente as palavras de Nietzsche: "Querer ser homem; que ambição minúscula!" Sem menosprezar o que os homens podem vir a ser, mas conscientes dos frag-

mentos que somos hoje, homens e mulheres partidos.

— Qual a importância deste livro para o Movimento de Mulheres?

Maria Moraes: Este livro é um balanço das minhas dúvidas. Pra mim ele encerra uma fase do feminismo, a fase de poder, de estruturas hierárquicas e autoritárias. Eu não quero dividir poder com ninguém simplesmente porque eu não quero



Rosalina

Um mundo onde a alegria e o prazer fossem tão importantes quanto a justiça e a igualdade

Rosalina de Santa Cruz Leite, assistente social e professora da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP, militante feminista desde 1975, uma das fundadoras do grupo **Brasil Mulher** e integrante da Comissão de Mulheres do Partido dos Trabalhadores, transforma os questionamentos surgidos nesses anos de feminismo num livro, **A Operária Metalúrgica**.

Houve e há quem diga que a luta das mulheres é "parte integrante da luta geral do proletariado". Houve e há partidos e correntes políticas que incluem a "questão da mulher" em seus programas. O que é um avanço do movimento de mulheres e dos partidos. Porém — e sempre há um porém — em muitos casos a "generosidade" é bastante duvidosa, quando se conhece a eficiência dos especialistas em marketing eleitoral.

Mais difícil que tudo isso é entender como as mulheres vêm um mundo em que vivem e aquele em que pretende viver. Mais difícil ainda que entender o "projeto proletário de mundo", uma vez que o movimento de mulheres ensaia seus primeiros passos e tem que se valer dos momentos em que "deu voz àqueles que não têm voz".

Rosalina, esquadrinhando o mundo e os depoimentos da mulher operária, tenta alcançar como elas se vêm, "o que esperam do futuro, seus desejos, suas aspirações". A mulher operária aparece defrontada com seus "outros": a fábrica,

poder. Eu não quero ser liderança de mais nada, eu quero ser Maria. Houve uma fase feminista que foi encerrada, a fase didática. O feminismo começou sobre a influência do marxismo, e isso foi bom. Hoje, o feminismo mudou de qualidade.

— O que é o feminismo hoje?

Maria Moraes: Eu estou ainda fazendo uma releitura do que foi para saber exatamente o que ele vai ser. Antigamente nós tínhamos um modelo que era o homem. Nós queríamos ser iguais a ele para num segundo momento podermos ocupar as funções e o lugar dele. Mas é isso o que queremos? Eu acho que não. Eu ainda não tenho respostas, mas acho que estamos numa fase importante nessa evolução do feminismo e acho que o S.O.S. foi um momento importante nessa evolução.

• Vida de Mulher - Editora Marco Zero, coleção Dois Pontos, RJ 1981, que contém também o depoimento de Maria Mendes da Silva, metalúrgica de São Bernardo do Campo.

o homem, o trabalho doméstico, a vida política.

— O que significa este livro para o Movimento de Mulheres hoje?

Rosalina: Pra mim significou a satisfação de uma curiosidade, de saber até que ponto as propostas feministas, as bandeiras de luta estavam presentes no cotidiano das operárias, assim como na sua própria representação de vida. Ele surge a partir de entrevistas com lideranças da classe operária, e a partir do nosso discurso feminista tenta-se entender a relação da mulher operária com o universo. E é no sentido que ele teve de dirimir uma série de dúvidas que eram minhas, e que eu penso devem ser também de várias mulheres que estão no movimento feminista, que está sua contribuição para o movimento.

— Quais são os questionamentos centrais no seu livro?

Rosalina: São três as questões colocadas no movimento de mulheres e que o livro não responde, mas discute. Até que ponto a luta específica das mulheres divide o movimento geral dos trabalhadores; até que ponto a inserção da mulher no mercado de trabalho significa a condição para sua libertação; e por fim, como o capitalismo vem absorvendo a mão de obra da mulher.

• A Operária Metalúrgica - Editora Semente, coleção Revelações - SP 1982.

Federação Maranhense

Recebemos de Imperatriz, no Maranhão, carta de 11 mulheres denunciando "os métodos fascistas" utilizados no I Encontro da Mulher Maranhense, realizado no dia 6 de março, com 1.500 mulheres, que divulgamos para denunciar mais uma vez aqueles que querem utilizar as mulheres e seu movimento em proveito próprio.

Entre outras coisas, elas denunciavam que: "não concordando com o andamento do encontro, pedimos a palavra e quase fomos linchadas"; "não houve discussão em grupos nem em plenário sobre os problemas da mulher"; "a coordenadora do encontro, Dra. Lindalva Amorim, usou aquele momento para realizar um grande comício eleitoral do PMDB", lançando até mesmo sua própria candidatura a deputada estadual; "foi criada a Federação da Mulher Maranhense e escolhida sua diretoria pela própria coordenadora, que se auto-indicou presidente, sem que houvesse qualquer divulgação prévia de que se elegeria a diretoria"; as mulheres presentes foram convocadas à custa de promessas e prêmios e "muitas companheiras vindas de povoados vizinhos, com crianças nos braços, passaram fome e queixaram-se de terem sido enganadas, pois tinham vindo para discutir seus problemas".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal FOLHA DE PAULISTA

Data 07/04/82

Pág. 1

Pasta n.º

N.º do recorte

Cambuci: Cobes
tentará obter

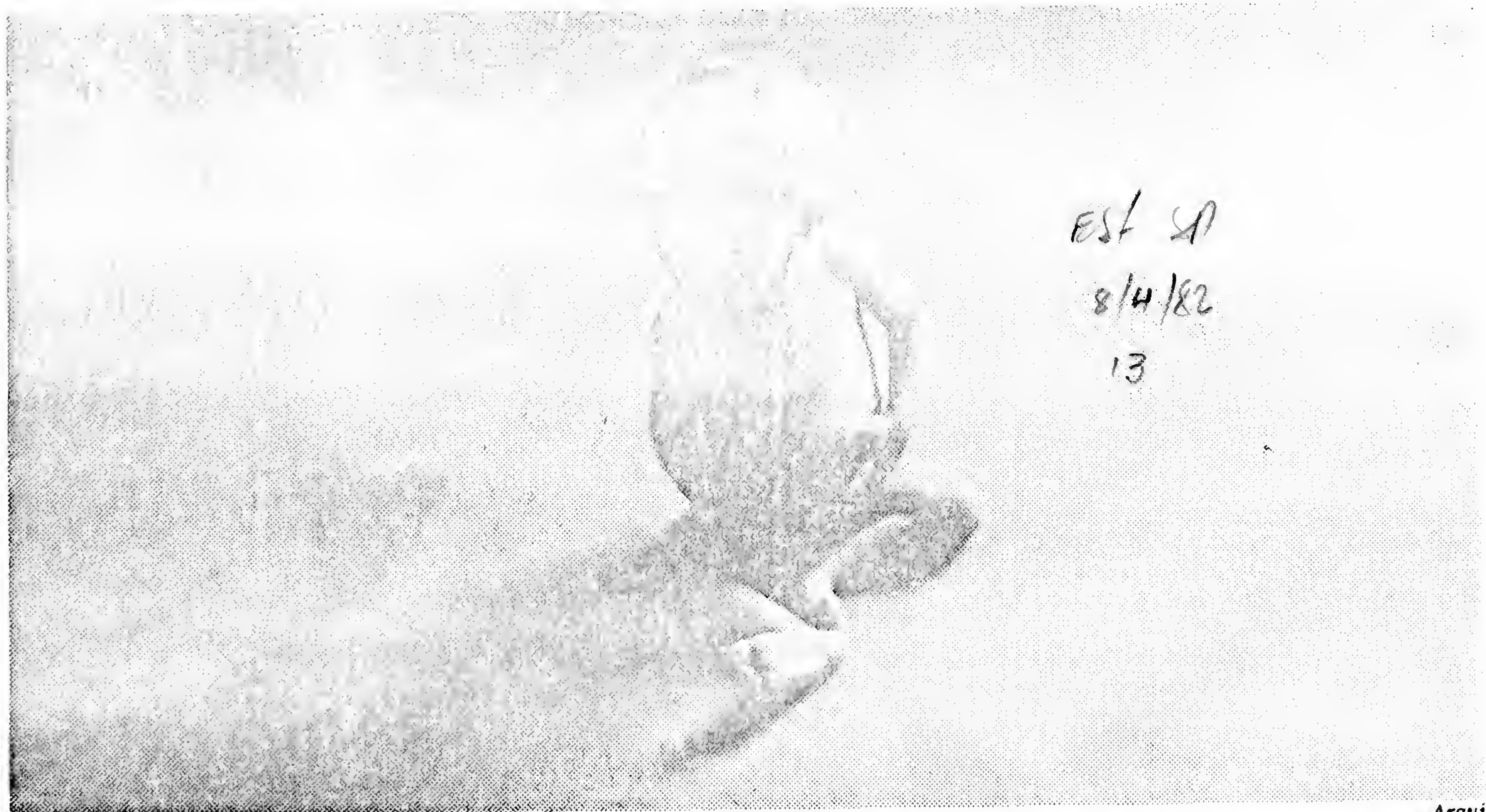
área para creche

O coordenador do Bem-Estar Social, Wilson Quintella Filho, deverá entrar em contato, ainda este mês, com o secretário municipal de Esportes, Néelson Guerra Júnior, a fim de conseguir a cessão de um terreno, situado na praça José Vicente Nogueira, no Cambuci, para a construção de uma creche municipal. Neste sentido, fez uma visita ontem ao local.

Essa creche foi reivindicada há dez anos pela população, porém, na época, só foi conseguido esse Centro Desportivo Municipal, que — segundo as moradoras da região — nunca chegou a funcionar. Atualmente, existe no local um prédio em precárias condições que é usado para os ensaios de uma escola de samba do bairro, uma quadra de esportes que é alugada frequentemente pela diretoria do CDM e um "play-ground" totalmente destruído. A região, que pertence à Administração Regional de Ipiranga, conta, atualmente, com apenas uma creche par-

(DOC. INCOMPLETO)

Cinastas de São Paulo, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul e
Porto Alegre participaram do
último das seleções de
ginástica olímpica para a
paralisação de 1984 em Los Angeles.

Dest. Spacho
08/04/82
13Est SP
8/4/82
13

Arqui

Para técnicos da OMS, aleitamento materno faz baixar o índice de mortalidade infantil

OMS fará pesquisas sobre “fome oculta”

Da sucursal do RIO

O chefe do setor de Nutrição da Organização Mundial de Saúde, professor Moisés Behar, informou no Rio que dentro de poucos meses a OMS estará desenvolvendo projetos de pesquisa em conjunto com a Fundação Osvaldo Cruz. Behar, que está no Brasil visitando os institutos científicos da Fiocruz, disse que esses trabalhos serão realizados principalmente na área de atendimento materno-infantil, considerada prioritária pela OMS.

Moisés Behar explicou que nos países em desenvolvimento, como o Brasil, “o problema é o que chamamos de **fome oculta**, ou seja, desnutrição crônica. Esse estado não mata, mas provoca outros processos patológicos que impedem o desenvolvimento físico e mental das crianças e provocam até a morte”.

Segundo ele, os programas de assistência materno-infantil da OMS dão ênfase especial ao aleitamento materno, “fundamental para a proteção das crianças. No Brasil, pelo que sei, a taxa de mortalidade infantil está em torno de cem óbitos para cada mil nascidos vivos. E agora, nessa visita, verifiquei com preocupação que as mães brasileiras estão amamentando cada vez menos. Nos países onde o aleitamento materno é mais constante, esses índices baixam para uma relação de dez para mil”.

Entre os pontos fundamentais dos programas da OMS, Moisés Behar destaca a adoção de um Código de Ética a ser aplicado às grandes indústrias produtoras de substitutivos do leite materno. “Nesse mesmo Código alertamos os governos que será preciso modificar o ensino médico nas universidades, onde, na maioria das vezes, ensina-se tudo sobre amamentação artificial e nada sobre alimentação natural. Não podemos impor esse Código, mas sugerimos aos governos de cada país que o adotem como lei, punindo severamente quem desrespeitá-lo.”

Outro aspecto destacado pelo professor Moisés Behar é a adoção “de hábitos alimentares regionalizados. Estudos garantem que em todos os lugares do mundo os alimentos são suficientes às necessidades de suas populações infantis. É preciso abandonar o hábito de consumir alimentos pré-fabricados que quase sempre obedecem a padrões de países industrializados”.

PROBLEMA PESSOAL

“É preciso ainda — diz Behar — conscientizar as populações de que saúde não é um problema exclusivo do médico ou do governo, é um problema pessoal, de cada um. Por isso, sugerimos que o item nutrição seja enfatizado junto aos postos de saúde, que trabalham diretamente com as populações.”

Behar afirmou também que seria ideal que cada mãe que estivesse amamentando fosse bem nutrida para transmitir a seu filho toda a proteção possível. “Mas, em recentes pesquisas da OMS, verificamos que, mesmo subnutrida, a mãe produz leite de excelente qualidade e em quantidades suficientes e necessárias. A produção de leite é um fator muito mais ligado à mente do que a fatores biológicos diretos.”

O professor exemplificou dizendo que “em populações primitivas da América Latina e da África — que estão distantes da difusão da publicidade em torno dos alimentos artificiais — 100% das mães produzem leite durante pelo menos um ano e meio após o parto. Em contrapartida, em Londres, 80% das mães não produzem leite nenhum”.

Até o final do ano, deverão ser aprovados os programas que serão propostos à OMS pela Fiocruz. Eles serão desenvolvidos, basicamente, pelo Instituto Fernandes Figueiras — unidade padrão de atendimento materno-infantil, que possui inclusive um banco de leite humano — e pela Escola Nacional de Serviços de Saúde Pública.

O que é política? Aos poucos o brasileiro aprende a responder a essa pergunta.



Dona Alice de Souza Amaral espera menos ambição, mais amor ao próximo e menos demagogia nas próximas eleições.



Para Wolfgang Leo Maar, o brasileiro tem uma vasta experiência política acumulada diariamente em suas casas ou fora delas.



Ronald Kapaz acha que fazer política é ter uma posição definida sobre as coisas e a época em que vivemos.



Segundo Irândi Pereira, política é a participação ampla da população em todos os setores da vida nacional.

Em novembro teremos eleições. Muita gente está preocupada em saber em quem votar, se está preparado politicamente, se o seu candidato não irá desapontá-lo depois de eleito. Em resumo, as pessoas estão com medo da própria inexperiência em fazer política e de participar de um processo eleitoral. Depois de um longo período em que essa movimentação foi afastada, ela volta a se tornar um assunto importante e a mobilizar toda a população.

Atento a essa preocupação, Wolfgang Leo Maar, professor de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, escreveu o livro *O que é Política?*, editado pela Brasiliense, em que discute a inexperiência política do brasileiro, inclusive do governo, que não está acostumado a dar contas à população daquilo que fez.

Em seu livro, Wolfgang Leo Maar, diz: "Se eu pensar em todas as coisas importantes que aconteceram no País, nestes últimos anos, e no quanto todas essas decisões foram tomadas sem a minha participação, facilmente posso chegar à desalentadora constatação de que não adianta mesmo, nada vai mudar e a minha presença não serve para nada mesmo. Os políticos se sucedem nos seus cargos, prometem o céu e, depois de algum tempo, esquecem as promessas e não fazem nada, nem me perguntam nada".

Para o professor, este desalento, que realmente existe na maioria da população, é responsável pela desmoralização que cerca a atividade política entre nós. Vemos promessas não cumpridas, salários cada vez menores, empregos sumindo, juros altíssimos para qualquer iniciativa comercial ou industrial, ausência total de mecanismos de influência para com os serviços públicos, aluguéis mais caros, escolas, ônibus, enchentes, falta de assistência médica.

Interferência

No entanto, Wolfgang Leo Maar quer mostrar que, apesar dessa situação, existe a possibilidade de interferência da população e que isso é justamente fazer política. Uma das possibilidades de interferência mais importantes são as eleições, ou seja, escolher representantes legais que de fato correspondam aos interesses legítimos da sociedade e das pessoas. Mas esta não é a única possibilidade.

Existe a política feita nas associações de moradores, de mulheres, nas associações comerciais, de empresários, pela Igreja, pelos sindicatos de empregados e empregadores e por outras entidades. Segundo Wolfgang Leo Maar "a política não é feita apenas por profissionais em determinadas horas, mas por todos em todas as horas e todas as situações. Ela está presente quando mães se reúnem para reivindicar ou fazer por conta própria uma creche, quando comerciantes procuram diminuir os juros para obter capital de investimentos, quando músicos se apresentam numa praça para expor sua produção, quando estudantes fazem uma passeata para exigir verbos para a educação, ou quando associações de bairro se reúnem para conseguir melhores condições de vida. Mas também está presente nas formas de se relacionar patrões e empregados, pais e filhos e até mesmo casais de namorados".

Experiência política

Partindo desse aspecto, o professor mostra que existe uma vasta experiência política acumulada diariamente pelas pessoas em suas casas ou fora delas. É essa experiência que deve, através do voto, ser encaminhada às urnas. "Essa experiência política é necessariamente diversificada", diz Leo Maar, "aparece de modos distintos conforme os interesses distintos das pessoas, das classes sociais. É o importante é fazer com que esta diversidade se expresse no voto, sem que se apaguem suas diferenças. Só então teremos um Estado e um Governo que represente efetivamente a sociedade".

Algumas pessoas têm uma consciência muito clara sobre a política e a responsabilidade nas eleições. O arquiteto Ronald Kapaz, por exemplo, participa de um grupo de arquitetos da Vila Madalena, interessado em conseguir soluções para os problemas de urbanismo do bairro. Atualmente o grupo estuda o caso do barranco da Rua Rodésia, descampado e chelo de lixo, motivo de muitas reclamações da população.

Para Ronald Kapaz, "fazer política está ligado a ter consciência e posição clara e definitiva sobre as coisas e sobre a época em que vivemos. A partir dessa posição, é necessário defender os interesses e aquilo em que se acredita". Para o arquiteto, essa prática é cotidiana, "em cada momento estamos tendo a chance de fazer alguma coisa".

Nesse sentido, para Ronald Kapaz, "mais importante do que as oposições apenas ganharem as eleições é demonstrar um pouco de consciência da população de que as coisas não estão boas e que fique claro o reconhecimento de quem é o culpado pelo alto custo de vida".

Participante da União dos Moradores da Vila Pirajussara e do Movimento das Mulheres do Butantã, Irândi Pereira diz que política para ela é a participação ampla da população em todos os setores da vida nacional. Coerente com suas atividades, Irândi diz que "essa participação pode ser feita nos sindicatos, em sociedades amigos de bairro, favelas, movimentos de mulheres de cultura nos partidos políticos e nos movimentos de solidariedade internacional. Essas atividades buscam melhores condições de vida, liberdades democráticas, respeito à cultura brasileira, saneamento básico, lazer, creches, fim da discriminação da mulher, salários iguais para trabalhos iguais e educação de boa qualidade para todos".

Baseada nessa sua visão da política, Irândi espera que as eleições realmente aconteçam de forma democrática e sem outros pacotes e casuísmos. Para Irândi, é importante que os candidatos tenham liberdade de realizar debates, comícios e reuniões com a população, e que realmente concretizem o seu programa depois de eleitos. "E que as oposições vençam", concluiu.

Já Alice de Souza Amaral, vice-presidenta do Movimento de Arregimentação Feminina, que participou da Marcha da Família pela Liberdade em 1964, e que hoje se preocupa em denunciar a pornografia nos meios de comunicação, além de participar de movimentos ecológicos, "a política deveria ser encarada com mais seriedade. Sua finalidade é de proporcionar segurança e tranquilidade à população, coisa que não temos tido porque tem sido feita uma política com pé minúsculo, que tornou rumos incompreensíveis para nós". Para Alice de Souza Amaral, esses rumos incompreensíveis são os gastos excessivos com supérfluos, aumentos minúsculos para o trabalhador e a falta do leite para crianças. Ela disse ainda que o 31 de março se tornou o dia da decepção. Por isso espera das próximas eleições "menos ambição, mais amor ao próximo, menos demagogia, que só serviu para iludir o povo".

14

Feminismo *FSP 11/4/82*

Na TV, o respeito à mulher⁴⁸

Sempre evitei falar aqui sobre o programa TV Mulher, criado por Nilton Travesso, da TV Globo, do qual sou, atualmente, editora. Isso porque, é claro, não se trata de um programa feminista, mas voltado a toda gama de pensamentos e tipos de gostos. Um programa feminista alcançaria um número reduzido de mulheres, se ele se dedicasse exclusivamente às reivindicações trabalhistas, de legislação etc., que têm marcado o pensamento feminista. Além disso, as feministas têm consciência clara de que nós temos preocupações culinárias, gostamos de coisas belas, apesar de criticarmos, acerbamente até, tudo aquilo que nos parece "conservador" e que não leva a mulher a se colocar como cidadã de primeira categoria; das que nos sepultam na submissão, na ignorância, no rancor, na ausência de consciência da necessidade de organização. Temos criticado ainda a ignorância de todos aqueles que teimam em ignorar que o feminismo não é uma luta contra o homem, mas ao lado dele e que seu lugar está entre todos os movimentos que, juntos, querem diminuir as injustiças sociais e discriminações. Temos criticado, ainda, os que se utilizam do termo "feminismo" para estigmatizar mulheres, num recurso de má fé, ignorando todo o trabalho que temos realizado, nós mulheres, de levantar a realidade da mulher brasileira — milhares de pesquisas — de denunciar as discriminações sofridas no trabalho, em casa, na maternidade etc.

Isto posto, resta-nos apenas observar o quanto TV Mulher tem procurado conscientizar as mulheres de seus direitos, de que é um ser que pode ser tratado com respeito e inteligência. Em suas reportagens, no

editorial, nas notícias, em vários pontos do programa, qualquer mulher (ou homem) inteligente pode se sentir recompensada. E a beleza que a técnica de bons profissionais levam ao programa, dão o acabamento necessário para que a qualidade atraia telespectadores. Essa introdução é para falar sobre o 2.º aniversário do programa. Uma festa muito bem feita, realizada com empenho por toda uma equipe e, no entanto, curiosamente, alguns jornais se limitaram a contar — e mal — o que se passava "lá fora". É preciso que se analise, do ponto de vista do conteúdo do programa, o porquê desse sucesso enorme. As cartas que chegam, sempre em quantidade cada vez maior; os pedidos atendidos, seja de parentes desaparecidos, de vagas em escolas, empregos, informações sobre direito da mulher (muitos casos de espancamento) etc. Especialmente, considere fundamental destacar, nesta coluna, a atuação de Martha Suplicy e de Marília Gabriela.

Martha Suplicy tem enfrentado uma batalha das mais duras. Não é fácil falar sobre sexualidade, com a devida naturalidade, num País onde ainda perdura a chamada "peste emocional", onde a pornografia é encarada como um mal em si mesma e, sobretudo, onde a mulher é tratada como animal de venda, uso, espancamento, prostituição, sem pensamento próprio, como por exemplo, neste último caso, aparecem as mulatas do Sargentelli, das quais, às vezes, ele diz "e até falam!...", enquanto as câmeras percorrem minuciosamente aqueles belos animais oferecidos ao deleite dos amantes do voyeurismo.

Estimulado-se, assim, a representação da sexualidade, o rancor da publi-

cidade de "produtos" inatingíveis (mais que o leite e o pão) à grande massa de despossuídos. Mulheres bellíssimas, das quais, afinal, se acaba por ter ódio, tão distantes, tão "caras"; mulheres que são mostradas como coisas disponíveis, se o candidato tiver "grana", claro. O exemplo de Sargentelli é um apenas. Afinal, o trabalho de Martha Suplicy é de todo amado, respeitado e recomendado por mulheres inteligentes e, portanto, também pelas feministas (O Paulo Francis não vai gostar).

Quanto a Marília Gabriela, pode-se dizer que ela representa, por si própria, aquela perfeita profissional que não usa a beleza para seduzir, não faz o papel de "tolinha", jamais conseguiria disfarçar sua incrível inteligência e presença de espírito. Por sua agressividade (no sentido bom da palavra), pela clara posição em defesa do direito da mulher lutar pelo que deseja ser, pelo respeito que demonstra às opções de todas as mulheres. Marília Gabriela vem a ser, de fato, uma representante da mulher que conquistou uma posição adquirida com o respeito que se deve à competência. E, como toda mulher que alcança, de fato, o sucesso, o respeito, Gabi tem, para ajudá-la, enorme quantidade de mulheres que a apóiam nessa luta nada fácil. No dia da festa da TV Mulher, no Teatro Municipal, tive uma rápida conversa com uma feminista amiga. Ela também achava fundamental que estudássemos esse fenômeno que é o programa e eu acredito que a receita dele tem sido o respeito às mais diferentes posições políticas e a confiança no discernimento da população sobre o bom e o belo. I.C.

FSP 11/4/82 p. 48

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal

Data

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Pedido rigor contra aleitamento artificial

Da sucursal de
BRASÍLIA

A necessidade de se transformar no Brasil, o Código de Comercialização dos Produtos Sucedâneos do Leite Materno, aprovado como recomendação aos 80 países-membros da Organização Mundial de Saúde (OMS), em dispositivo legal, a fim de proibir as empresas fabricantes desses produtos de anunciar os substitutos do leite materno, foi defendida ontem pelo professor norte-americano Derrick Jelliffe, da Universidade da Califórnia, após audiência com o ministro Waldyr Arcoverde, da Saúde, com companhia de mais dois especialistas dos Estados Unidos, Patrice Jelliffe e Richard Manoff.

Para Jelliffe, a lei seria a forma mais segura de se coibir os abusos frequentemente cometidos pelas empresas fabricantes dos produtos sucedâneos do leite materno, que induzem as mães ao aleitamento artificial. Referindo-se especificamente à Nestlé, o especialista disse que "a Nestlé do Brasil deu declarações bastante confusas na semana passada, dando a entender que não adotará as regras baixadas pela empresa nos Estados Unidos no sentido de que não serão mais veiculados anúncios de produtos infantis que possam levar mães ao desmame precoce".

"O que sabemos — continuou o professor — é que a Nestlé decidiu fazer

um código próprio de ética para a propaganda e comercialização de seus produtos, praticamente idêntico ao aprovado pela OMS. Esse código, conforme nos foi informado nos Estados Unidos, é válido para todos os países e não apenas para a Nestlé norte-americana." A decisão da empresa, segundo Jelliffe, foi resultado de um amplo boicote realizado nos Estados Unidos contra todos os produtos da empresa, "movimento que já dura três anos e que atingiu toda a linha Nestlé, pois o leite artificial significa menos de 5% do faturamento da empresa".

SUGESTÕES

Durante o encontro com o ministro da Saúde, os especialistas ressaltaram ainda que o "programa de incentivo ao aleitamento materno, implantado a nível nacional pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan) "é o melhor e o mais sério já conhecido em todo o mundo", fazendo algumas sugestões para que sejam introduzidas no programa: incentivo à instalação de clínicas de aleitamento dentro dos hospitais para orientar, informar e aconselhar mães que encontrem problemas na amamentação, e recomendação aos hospitais públicos e privados para que seja adotado o "alojamento conjunto" nas maternidades — a criança colocada junto com a mãe, logo ao nascer.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DA TARDE*

Data: *13/04/82*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

**Até maio, 18
creches para
2.600 crianças**

Um total de 2.600 vagas para crianças de até seis anos será criado, proximoamente, com a abertura de 18 creches na periferia da cidade, segundo informou ontem o prefeito Reinaldo de Barros, ao inaugurar a creche do Jardim Capeta, na Regional de Campo Limpo.

- tarde 13/4/82
As creches, a serem entregues até o início do próximo mês, têm capacidade para 150 crianças (à exceção da situada em Vila Campestre, que atenderá a 70 crianças) e custaram, em média, para a Prefeitura, cerca de 29 milhões de cruzeiros cada, estando distribuídas em diferentes áreas da Capital. Onze delas foram construídas pela Secretaria de Serviços e Obras e sete pela Empresa Municipal de Urbanização, ficando a Coordenação do Bem-Estar Social encarregada de sua manutenção.

Hoje, às 19h30, será inaugurada a creche municipal do Jardim Robru 2, situada na esquina da avenida João Batista Santiago e rua Pedro Geraldo do Nascimento (São Miguel).

Amanhã, também às 19h30, será entregue a unidade do Jardim Popular, na esquina das ruas Flor de Cera e Santo Antônio do Aventureiro (Penha).

As creches doadas são problemas

PRESIDENTE PRUDENTE — Há pouco mais de um ano, dois bairros de Presidente Prudente — Vila Formosa e Jardim Monte Alto — ganharam modernas creches que estão se transformando em “presentes de gregos”. Além das críticas que consideram o projeto incompatível com as condições climáticas da região, uma delas exigiu intenso trabalho de restauração realizado pela Sociedade Amigos de Bairro de Vila Formosa e adjacências. O mesmo fato se repetiu no Jardim Monte Alto, onde faltam recursos para equipar a creche. Some-se ainda o problema de cobertura dos pavilhões, que implica elevados gastos para se evitar a infiltração de águas das chuvas. Assim, a doação através do BNH (Projeto Cura), se foi significativa à época da entrega, impõe hoje aos bairros beneficiados a difícil tarefa de conservação, com recursos provindos da própria comunidade.

VOLUNTÁRIOS

A creche de Vila Formosa, aos cuidados da Sociedade Amigos de Bairro, foi entregue apenas em sua estrutura física, sem equipamentos de cozinha ou móveis para as salas de aula e berçário. Funcionando com a colaboração de voluntários, a creche acolhe em média 100 crianças, embora sua capacidade seja de 150. O transporte das crianças, principalmente as que estão em fase escolar, frequentando as salas de aula da creche, é feito por uma viatura doada pelo município.

Através de convênios mantidos com a LBA, Projeto Casulo — Assistência Social Municipal, Promoção Social e Merenda Escolar — a Sociedade Amigos de Bairro de Vila Formosa e adjacências recebe alguns recursos financeiros para a manutenção da creche. E a isso retribui oferecendo diversos cursos para gestantes, corte e costura, bordados, ministrados por monitores da Prefeitura e voluntários — as máquinas para o curso de corte e costura foram adquiridas com recursos da própria Sociedade. Numa das salas da creche também funciona um Núcleo da Associação Antialcoólica, que vem prestando serviços à comunidade.

DIFICULDADES

Ao contrário de Vila Formosa, que reúne boa quantidade de voluntários, atuando em vários setores e com excelentes resultados, a Creche do Jardim Monte Alto com capacidade para 260 crianças, mas atendendo apenas 60 menores carentes, enfrenta sérios problemas. Primeiro a precariedade da obra, apesar de belo projeto arquitetônico. A abóbada de todos os pavilhões, construída em concreto com cobertura de asfalto, não atende às condições climáticas da região. Todas as janelas, além de pequenas, fechadas com vidros, impedem a circulação de ar, tornando o calor insuportável. A solução foi encomendar uma cobertura metálica “sobreposta”, o que resolveu o problema em parte, mas onerou a entidade com o seu elevado custo.

Banco destina recursos para creche-casulo

FLORIANÓPOLIS — A Legião Brasileira de Assistência, o Banco do Estado de Santa Catarina e o Conselho Comunitário do Garcia, de Blumenau, assinarão hoje, em solenidade no Palácio Hercílio Luz, em Florianópolis, um convênio de adoção financeira, segundo o qual o Besc se compromete a manter 30 crianças em uma creche-casulo, pelo prazo de um ano.

O convênio é o primeiro resultado do "protocolo de intenções" assinado entre a LBA e a Federação Nacional dos Bancos, em dezembro do ano passado em Brasília. Pelo protocolo, as oito mil agências bancárias existentes no País destinarão recursos para instalação de creches-casulo que proporcionarão atendimento pré-escolar a crianças carentes até seis anos de idade, inclusive aos filhos dos bancários. Adotando financeiramente creches da LBA, ou por ela indicadas, cada agência bancária destinará o valor de uma Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional, por criança atendida.

Creche do hospital é modelo para entidades

No próximo domingo, às 11 horas, será inaugurada a creche "Rubens Sverner", do Hospital Israelita Albert Einstein, no Bairro do Morumbi. A creche, com área construída de 800 metros quadrados, tem capacidade para receber 120 crianças por turno, com a infra-estrutura garantida pelo próprio hospital. O prédio da creche está dentro do terreno do hospital e tem mais de dois mil metros quadrados de área verde. A creche — modelo para outras, empresariais — atenderá filhos de funcionárias do Albert Einstein, que, segundo a assistente técnica da superintendência, Maria Manuela Simões, responsável por ela, representam 80% do corpo de servidores do hospital.

A creche "Rubens Sverner" foi construída com dinheiro oferecido pelos filhos de Rubens Sverner — Isaac, Israel, Clara, Jaime, Henrique e Dora — como homenagem à memória de seu pai. Atenderá crianças até sete anos, com 37 funcionários fixos — incluindo quatro psicólogas — e as voluntárias do Hospital Albert Einstein, que se encarregarão das atividades de recreação.

INSCRITOS

Já há 159 crianças inscritas. Elas passarão por um exame geral preventivo, onde se constata problemas de saúde, de desenvolvimento mental, de crescimento e até de nutrição. As possíveis distorções em qualquer desses fatores serão sanadas durante o tempo em que as crianças permanecerem sob a guarda da creche. A infra-estrutura do hospital permite que nutricionistas, pediatras e endocrinologistas permaneçam à disposição dos filhos das funcionárias, inclusive para internação.

Segundo Maria Manuela Simões, a construção da creche faz parte "do programa de assistência ao funcionário, de-

envolvido pelo hospital, que fornece condução, alimentação e assistência médica a seus servidores. Nós estávamos falhando em termos de creche".

Durante o período em que permanecerem na creche, as crianças contarão ainda com pré-escola, orientação educacional e recreação. Não haverá, de acordo com Maria Manuela Simões, qualquer espécie de discriminação quanto ao nível dos funcionários do hospital: "Todos serão tratados da mesma maneira", afirmou.

COMPOSIÇÃO

O prédio fica ao lado do pronto-socorro do Hospital Israelita Albert Einstein. É um prédio de dois pavimentos, cercado de uma ampla área ajardinada, e conta também com "play-ground". O primeiro pavimento é destinado a crianças de dois anos e meio a sete anos. Possui três salas de atividades (separadas por portas tipo fole, revestidas de um material semelhante ao de lousas escolares), um teatro de arena mirim, acarpetado (com capacidade para 50 crianças), um refeitório, uma cozinha (com fogão e geladeira), um banheiro adequado às crianças (com vasos sanitários em tamanho reduzido), recepção e sala da administradora (enfermeira de nível universitário).

No andar superior há dois solários, para que as crianças — de idade entre três meses e dois anos e meio — não se sintam presas. Há também três salas de atividades, um lactário, sala de orientação psicológica, enfermaria e banheiro para as crianças menores.

A creche funcionará 24 horas por dia, todos os dias, e até os cuidados com o serviço de vacinação das crianças estará a cargo da direção da creche.



Foto Davi de Barros

A creche do Albert Einstein tem dois pavimentos.

Hospital "Albert Einstein" conclui creche

No próximo domingo, às 11 horas, será inaugurada a creche "Rubens Sverner", destinada a acolher filhos das funcionárias do Hospital Israelita "Albert Einstein", no bairro do Morumbi. Com área construída de 300 metros quadrados, tem capacidade para receber 120 crianças por turno (funciona dentro do terreno do hospital) e conta com mais de dois mil metros quadrados de área verde. A creche — que deveria servir de modelo para outras creches empresariais — deverá atender filhos de funcionárias do "Albert Einstein", que, segundo Maria Manuela Simões, responsável por ela, representam 80% do corpo de servidores do hospital.

Suas instalações foram construídas com dinheiro oferecido pelos filhos de Rubens Sverner — Isaac, Israel, Jaime, Henrique e Dora — como homenagem à memória do pai. Atenderá crianças de até sete anos com 37 funcionários fixos — incluindo quatro psicólogas — e as voluntárias do Hospital "Albert Einstein", que se encarregarão das atividades de recreação das crianças.

INSCRITOS

Já há 159 crianças inscritas na creche e as matrículas continuam abertas. No início, elas passam por um exame geral preventivo, onde se constata problemas de saúde, de desenvolvimento mental, de crescimento e de nutrição. As possíveis distorções serão sanadas durante o tempo em que as crianças permanecerem sob a guarda da creche. A infra-estrutura do hospital permite que



Os recursos para a construção da creche-modelo foram doados por cinco irmãos

nutricionistas, pediatras e endocrinologistas permaneçam à disposição dos filhos das funcionárias, inclusive para internação.

Segundo Maria Manuela Simões, a creche faz parte "do programa de assistência aos funcionários desenvolvido pelo hospital, que lhes fornece condução, alimentação e assistência médica".

As crianças contarão ainda com pré-escola, orientação educacional e toda espécie de recreação. Não haverá, de acordo com o que garantiu Maria Manuela Simões, qualquer espécie de discriminação quanto ao nível dos funcionários do hospital: "Todos

serão tratados da mesma maneira", afirmou.

COMPOSIÇÃO

O prédio da creche fica ao lado do pronto atendimento do Hospital Israelita "Albert Einstein". É um prédio de dois pavimentos, cercado de uma ampla área ajardinada, que conta até com "play-ground". O primeiro pavimento é destinado a crianças de dois anos e meio a sete anos. Possui três salas de atividades (separadas por portas tipo folie, revestidas de um material semelhante ao de lousas escolares), um pequeno teatro de arena acarpetado (com capacidade para 50 crianças), um refeitório, uma cozinha (com fogão e geladeira), um banheiro

adequado às crianças, (com vasos sanitários em tamanho reduzido), recepção e sala da administradora (que terá uma enfermeira de nível universitário).

No andar superior há dois solários, para que as crianças — de idade entre três meses e dois anos e meio — não se sintam presas. Há também três salas de atividades, um lactário, sala de orientação psicológica, enfermaria e banheiro para as crianças menores.

A creche funcionará 24 horas por dia e até os cuidados com serviço de vacinação das crianças estará a cargo da direção da creche.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Folha de Trabalho
Jornal: de 17/4/82

Data: 17/4/82

Pág.

Parte n.º

N.º do recorte

"Albert Einstein" constrói creche

O Hospital Albert Einstein, que tem elevada porcentagem de funcionários jovens, especialmente mulheres e mães, atendendo às suas necessidades funcionais e às leis do País decidiu construir uma creche que integrasse o projeto arquitetônico a todos os equipamentos necessários ao seu perfeito funcionamento. Com isto, na opinião de alguns especialistas, a creche tornou-se única do País, pois, além de receber os filhos dos mais humildes servidores, atenderá também crianças dos profissionais mais qualificados, sem nenhuma discriminação.

A creche funcionará 24 horas por dia, todos os dias, podendo atender a 120 crianças de três meses até sete anos, em cada turno de oito horas, e funciona numa área de 800 metros quadrados de construção, cercada de grandes jardins.

F. T. de 17/4/82
INSTALAÇÕES
No pavimento inferior, para crianças de três meses a sete anos, existem três salas de atividades, com capacidade para 20 crianças cada uma; miniteatro carpetado para 50 crianças; despensa e restaurante equipados para preparar até 150 refeições; banheiros com equipamentos especialmente desenhados; diretoria, secretaria e recepção.

No pavimento superior, para crianças de três meses a dois anos e meio, estão localizados um berçário para 15 crianças; quatro salas de atividades com capacidade para 15 crianças cada uma; orientação psicológica; enfermaria; lactário; banheiro; almoxarifado e vestiário de funcionários.

O "playground" tem brinquedos especialmente desenhados, duas hortas, grandes

áreas envidraçadas, criando ambientes bem iluminados e bem ventilados.

A planta das instalações é flexível, de tal forma que as salas possam se unir, criando grandes salões para atividades conjuntas, apenas com a remoção de paredes divisorias. Estas mesmas divisórias serão revestidas de fórmica, como se fossem lousas escolares, para as crianças desenharem.

A creche tem um elevador para maior segurança no transporte dos bebês e o mobiliário infantil foi especialmente desenhado para esta finalidade.

O transporte dos alimentos será feito, igualmente, por um monta-carga e um carro elétrico, silencioso e não poluente; circulará por toda a área do hospital e da creche, integrando-o aos serviços comuns, tais como lavanderia, alimentos, materiais, etc.

Aldeia do Rio Bonito oferecerá novo lar a crianças abandonadas

Dentro de quatro meses, 120 crianças órfãs ou abandonadas pela família mudarão radicalmente de vida. Sairão de orfanatos e da Febem para morar em casas construídas especialmente para elas, numa pequena aldeia do Rio Bonito. Lá, terão oportunidade de frequentar a escola, brincar em amplos jardins, se dedicar ao cultivo de hortas, e receber uma educação para se tornarem adultos seguros, perfeitamente integrados à sociedade. Mas o mais importante é que deixarão para trás o relacionamento frio e impessoal dos funcionários das instituições onde vivem, para receber o amor de uma mãe, que voluntariamente decidiu dedicar sua vida só para elas.

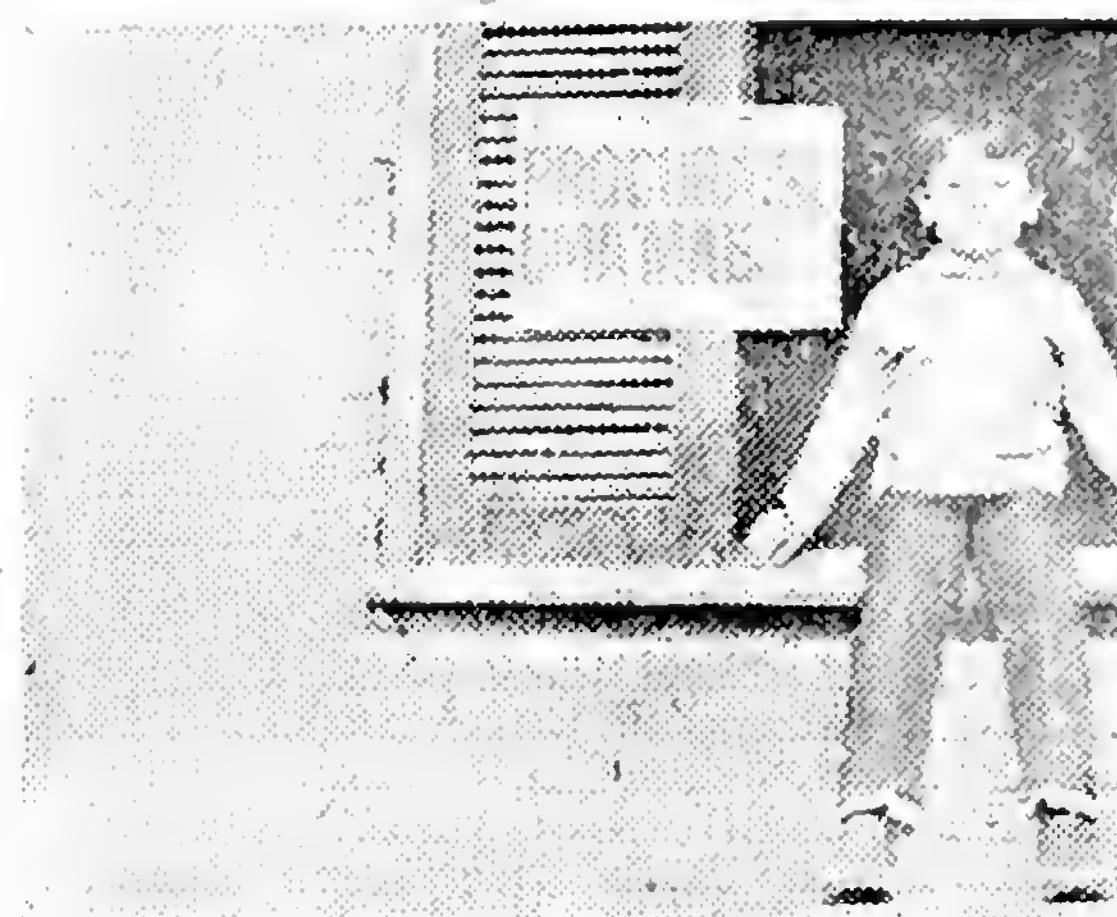
A idéia de se construir aldeias SOS surgiu na Áustria logo após a Segunda Guerra, pela necessidade de se dar assistência ao grande número de crianças, cujos pais haviam morrido, com ajuda das viúvas que, voluntariamente, se propuseram a adotá-las. Como em outros países a situação era semelhante, a idéia se alastrou, chegando também aos países de outros continentes, onde o número de crianças abandonadas cresce dia a dia. Hoje, há cerca de 20 mil menores que moram em aldeias SOS instaladas na África, Ásia, América Latina, Oriente Médio e Europa. No Brasil, as aldeias começaram a ser construídas há dez anos, a primeira em Porto Alegre, sendo que, atualmente, há aldeias em 14 Estados.

A Aldeia SOS de Rio Pequeno é a 201ª construída no mundo, e a terceira do Estado de São Paulo. Quando estiver pronta, em agosto, será composta de 13 casas-lares, onde ficarão abrigadas, em cada uma, nove crianças e sua mãe-social, uma casa para o coordenador, o "tio", e uma casa comunitária onde funcionará a escola que, além das aulas, promoverá atividades recreativas e culturais. Cada casa tem três quartos (um para meninas, um para meninos e outro para a mãe), dois banheiros, uma cozinha e uma sala, além da área de serviço e de uma despensa. Todo o material para a construção foi comprado com ajuda de doações feitas por empresas e particulares, e que também serão destinadas à compra de alimentos e à manutenção da aldeia.

As mães-sociais serão voluntárias que, por alguma razão especial, resolveram dedicar suas vidas a essas crianças. Segundo a assistente social Jurdeci Santiago Silva, que ontem participou do tradicional "churrasco de cobertura das casas", as futuras mães-sociais são escolhidas rigorosamente no Centro de Treinamento da entidade SOS, por uma equipe técnica composta pela diretoria, psicólogos e voluntários, que verificarão se têm ou não condições psicológicas para assumir a responsabilidade. Durante três meses, as candidatas recebem aulas de professores de Pedagogia, Psicologia Infantil, Higiene e Saúde, Primeiros Socorros e Educação Sexual.

Mas o requisito mais importante é ainda a capacidade de dar amor, de gostar de crianças, como é o caso de Maria Luíza da Cruz, mãe de Regiane, de um ano e meio, e que atualmente está fazendo estágio na aldeia de São Bernardo: "Eu me casei, mas não deu certo, e por isso não quero mais me envolver com um homem. Mas, como gosto muito de crianças e queria dar um lar para minha filha, resolvi candidatar-me, e aqui ela vai ter essa oportunidade". Como Maria Luíza, outras mulheres sozinhas também escolheram essa opção. "Para ser mãe-social, a mulher precisa ter mais de 25 anos de idade e não ter compromisso matrimonial — diz Jurdeci — e se dispor a receber outras crianças além de seus filhos. Para isso, também são feitos testes, que irão verificar se ela tem condições de cuidar delas sem que faça distinções, ou se dedique mais ao seu próprio filho."

Em agosto, a Aldeia SOS já estará cheia de crianças, desde bebês até as que estarão com seis anos. Para o diretor da entidade em São Paulo, Peter Mangels, é necessário que toda a comunidade participe desse trabalho, uma vez que as crianças abandonadas são também o reflexo da sociedade. Para isso, ele pede às pessoas interessadas que colaborem por meio de doações, de preferência mensais, para que a entidade possa fazer sua programação baseada em uma quantia definida. A diretoria da Aldeia SOS Rio Bonito fica na avenida Paulista, 2.073 — 7º andar, Conjunto Nacional — Horsa II, em São Paulo (fone 283-1344 ramal 61).



Feminismo

Os problemas das donas de casa

IREDE CARDOSO

As donas de casa estão manifestando, em cartas ou em debates, palestras nos quais temos participado, uma grande angústia relativa à vida em caso de viuvez ou separação. Essa angústia é totalmente compreensível. A única trabalhadora que não tem a menor garantia quanto ao seu futuro é a dona de casa. Embora exerça funções as mais complexas e tenha sob sua responsabilidade tarefas consideradas de suma importância para o sistema, a dona de casa tem sido a mais relegada, a mais desprezada, a mais discriminada. É a única que não recebe salário, não tem férias, não tem 13.º salário, fundo de garantia ou descanso semanal etc., etc.

Dessa forma, não é para se espantar quando somos informados do número de mulheres donas de casa que entram em depressão ou tentam suicídio; elas são internadas em manicômios com a maior frequência e são acometidas de toda sorte de doenças que nada mais significam que uma vida alienada e alienante, encerrada, sem perspectivas. Se nós mostrássemos essas estatísticas, creio que muitas donas de casa ficariam ainda mais preocupadas.

Trabalhando, em média, 17 horas por dia, quando não há filhos pequenos, economizando os tristes salários dos companheiros a grande maioria dessas mulheres passa uma vida sacrificada, humilhante e sem a menor possibilidade de auto-realização. Quando os filhos crescem, elas começam a pensar em si mesmas e aí, geralmente, descobrem a crueldade do mercado de trabalho que as rejeita sistematicamente. A Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil, através de Ana Luíza Fonseca, advogada, vem fazendo um excelente serviço nessa área, conseguindo empregos para mulheres casadas que são abandonadas, mais velhas que vivem com o companheiro e que não têm oportunidades, com desquitadas ou viúvas. Mas é um esforço ainda incipiente e pequeno demais para a grande demanda que verificamos.

Torna-se necessário que se pense, portanto, no momento, numa forma de permitir a essas mulheres que recolham ao INPS para não morrer de fome, na velhice, com as parcas pensões recebidas com o falecimento dos maridos. Conheço um caso somente de uma mulher que se sindicalizou no início do casamento, instruída por seu companheiro e que hoje, viúva, além da ridícula pensão do falecido, conseguiu dobrar seus rendimentos e não morrer de fome. Mas a grande maioria sabe que um negro futuro as aguarda. Por que, então, permanecemos nessa situação?

A questão, ao que tudo indica, é



mais complexa do que parece à primeira vista. Como poderia a mulher reservar uma quantia de dinheiro para si, para depositá-la, de alguma forma, criando seu próprio pecúlio? Ela teria, nesse caso, que retirar esse dinheiro do salário do marido. Por outro lado, entretanto, se a mulher se registrasse como trabalhadora autônoma, pagando seus impostos e executando alguma função mais ligada às atividades que aprendeu, ela poderia filiar-se a algum sindicato e ser tratada como um trabalhador comum. Mas essa também é uma discussão que precisa ser amadurecida.

Sabe-se que as européias são contrárias ao salário da dona de casa, porque, segundo entendem muitos estudiosos da matéria, a função doméstica seria assim estimulada e tornar-se-ia mais difícil à mulher tornar-se independente como cidadã, integrar-se a um trabalho em que a função social e política do trabalhador fosse consciente. Todavia, vários encontros foram realizados, na Europa, com a presença de latino-americanas (isso há muitos anos e as brasileiras não se fizeram representar) para discutir o caso. As latino-americanas

foram as únicas favoráveis ao salário para a dona de casa.

Uma questão entretanto, é a do salário, outra a do pecúlio que renderia a um futuro menos doloroso à dona de casa. Está aberta a discussão; creio que os movimentos feministas, os políticos, as donas de casa, deveriam promover encontros com advogados para debater o problema. Agora que nos aproximamos das eleições, uma bandeira como essa não só renderia dividendos eleitorais, como também traria mais justiça social ao País. Mas é necessário que as donas de casa se manifestem. É preciso, portanto, que além do boicote ao leite, que dona Maria do Carmo Pavão Martins, da Associação das Donas de Casa de São Paulo, vem liderando em tão boa hora, fizesse sua manifestação a respeito. Além dela, a Aparecida Kopkake, presidente da Associação das Donas de Casa, que luta pela democracia doméstica, lavanderias e restaurantes coletivos, também deveria se manifestar. Antes que algum político proponha alguma coisa que não seja do agrado da maioria das mais interessadas, como tem sido o costume.

Clubes de Mães agem em Diadema

Depois do sucesso obtido com a criação do Clube de Mães do Jardim Santa Rita, em Diadema, que tem por finalidade a ação comunitária e a ajuda mútua entre os moradores, experiência semelhante vem sendo feita pelo Clube de Mães do Jardim dos Navegantes, outro bairro periférico da cidade. Os clubes são criados pelas próprias mães de determinada comunidade, as quais esperam, assim, solucionar juntas seus problemas comuns.

No Jardim dos Navegantes, por exemplo, já funciona uma creche, que cuida dos filhos menores, enquanto as mães trabalham.

Elas deixam as crianças às 8 horas, sob os cuidados de monitoras, funcionárias municipais, e levam de volta às 17 horas.

No período em que as crianças ficam com as monitoras, participam de atividades recreativas e estudantis, recebendo ainda alimentação idêntica à merenda escolar distribuída à rede de ensino municipal.

CURSOS

Mas a creche não é o único serviço desenvolvido pelo Clube de Mães do Jardim dos Navegantes. Com ajuda da Prefeitura, são ministrados vários cursos às mães, como o de costura, crochê, preparação de enxoval para bebês, orientação psicológica e, ainda, atendimento médico gratuito.

Além do apoio da Prefeitura, a própria comunidade já começa a conviver com esta nova realidade: muitos voluntários trabalham na entidade, seja prestando serviços ou fazendo doações ao clube.

Recentemente, foi realizada a Festa Comunitária da Páscoa, com a distribuição de doces e ovos de chocolate às crianças da creche, atualmente em número de 26. A festa teve a colaboração de pessoas e empresas de Diadema.

Jornal: **EM TEMPO**
Data: **22/04/1982**
Pág: **8-9**Página n.º
N.º do recorte: **1203**

Os trabalhadores, sua força e sua vida

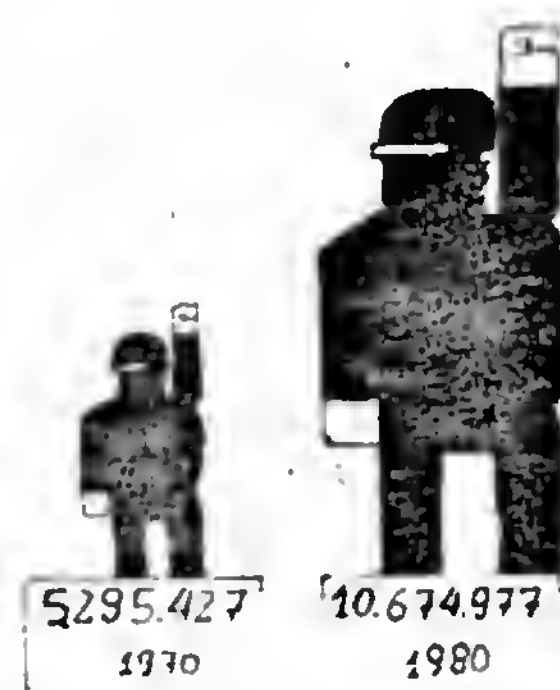
Um levantamento do crescimento do proletariado, da mulher trabalhadora, da jornada e salário através dos dados recém publicados no censo de 80.

A força do proletariado

O magnífico crescimento do proletariado do industrial brasileiro e a generalização das relações de assalariamento e patronato abrem caminhos profundos para a luta de classes.

O proletariado industrial brasileiro dobrou os seus efetivos de 1970 a 1980. Isso fez com que ele aumentasse a participação no conjunto das pessoas ocupadas em alguma profissão: em 1970, de cada cem trabalhadores 17 eram proletários industriais; em 1980 esse número já subia a 211. Com a maior parte de seus membros concentrados em alguns polos industriais, integrados no setor mais dinâmico da economia brasileira e sofrendo de maneira mais viva a contradição da exploração, o proletariado industrial aparece para esta década como a grande força social, capaz de vanguardear um processo de transformação da sociedade brasileira.

Uma outra revelação importante que brota das tabulações avançadas do censo de 1980 é a



generalização do regime do assalariamento e a consequente diminuição dos que trabalham por conta própria, os autônomos. Em 1970, de cada 100 pessoas ocupadas, 50 eram empregadas e 37 eram autônomas; dez anos depois, em cada cem, 65 eram empregadas (estavam submetidas a algum vínculo de patronato) e apenas 24 eram autônomas. A consequência política mais importante dessa constatação é que se alargaram as possibilidades objetivas do proletariado articular, sob um ponto de vista de classe, uma frente única para lutar pelos seus interesses imediatos e históricos.

Estagnação no campo

Apesar da produção agropecuária ter multiplicado por muitas vezes a sua dimensão nos anos 70, o número de trabalhadores ocupados nestas atividades permaneceu praticamente o mesmo durante este período. Este fato — explicado pelos variados processos de modernização desencadeados no campo — trouxe uma mudança significativa na composi-

ção dos trabalhadores brasileiros. Se em 1970, em cada cem pessoas ocupadas, 43 eram em atividades agropecuárias, em 1980 esse número diminuiu para 30. O que mostra a urbanização da força de trabalho no Brasil e a conclusão inevitável de que o proletariado urbano é objetivamente a liderança e a peça mais importante num eventual processo de transformação.

Esse processo de industrialização determinou igualmente que uma enorme e crescente massa de pessoas passasse a se ocupar de atividades não diretamente produtivas, no setor de serviços. Hoje, quase a metade da população economicamente ativa se ocupa da extensa variedade de funções representadas neste setor.

Por último, uma constatação importante. Cada vez mais, aumenta o número de brasileiros maiores de dez anos que trabalham, em relação à população total. Pois se em 1970, 44 entre cem dos maiores de dez anos trabalhavam, hoje já são 49 pegam duro no batente.

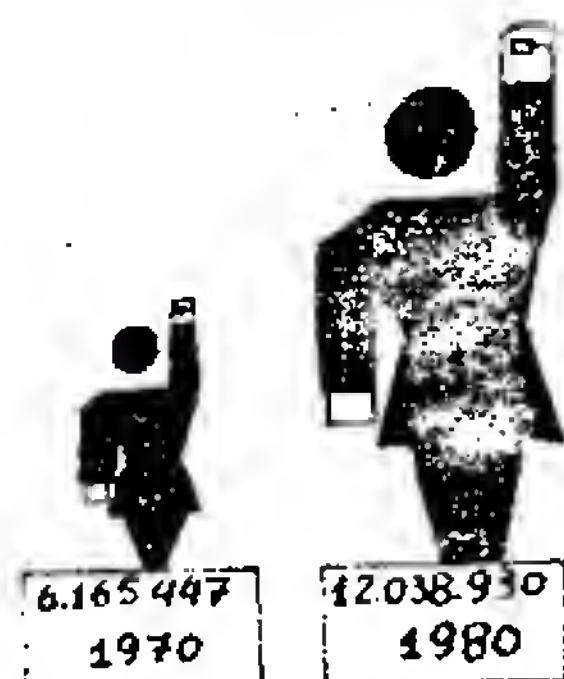
A mulher trabalhadora

Dobrando a sua participação no mercado de trabalho, as mulheres vão alterando o perfil da classe trabalhadora e do movimento sindical.

Apesar do número de mulheres engajadas no mercado de trabalho ter dobrado durante a década de 70 (de seis para doze milhões), é significativo que menos de um terço do contingente feminino atual é catalogado como compondo a população

economicamente ativa, ou seja, as pessoas que exercem algum trabalho remunerado e as sem remuneração que trabalhavam em alguma atividade econômica habitualmente 15 horas ou mais por semana. Isso não significa que dois terços das mulheres não trabalhem mais sim que a grande maioria ainda está vinculada às atividades domésticas ou outras funções não reconhecidas e remuneradas.

É incontestável, porém, que o ritmo do engajamento feminino nas atividades econô-



micas é maior do que o ritmo de crescimento da população economicamente ativa. Isto fica claro quando se nota o aumento da participação da mão-de-obra feminina na composição do proletariado industrial. Se em 1970, 12 em cada 100 trabalhadores da indústria eram mulheres, em 1980 esse número subia a 16. Em algumas atividades de serviço, como no comércio, esse crescimento chega a ser surpreendente: em dez anos, o número de mulheres engajadas nesta atividade mais que triplicou.

Assim, vai se conformando uma realidade nova que tem consequências políticas importantes. A mais relevante é a da necessidade do movimento sindical absorver a ideologia feminista sob o risco de ter um contingente cada vez maior de trabalhadores sem participação, tolhido pela ideologia machista e repressiva das potencialidades da mulher.

Os dois lados da moeda

Se este engajamento feminino na força de trabalho tem um componente progressista,

liberador, por outro lado, se vincula à dinâmica exploradora do capitalismo. Mais de dois terços das mulheres ocupadas trabalham mais de 40 horas por semana, afora as atividades domésticas. No entanto, apesar de não ser um trabalho marginal, 70 em cada cem mulheres recebem menos que dois salários-mínimos e mais nove nada recebem por sua atividade profissional.

De acordo com o censo de 1980, o valor médio do rendimento mensal dos homens ocupados era o dobro do rendimento médio mensal das mulheres. O que não dizer que a grande maioria dos homens trabalhadores seja bem remunerado mas que as mulheres trabalhadoras, por uma série de sujeições sociais e culturais, tem o seu salário mais aviltado.

Assim, a incorporação da força de trabalho feminina é um meio do capitalista alcançar níveis mais profundos de exploração. O que ressalta mais uma vez a importância especial das reivindicações particulares e da participação sindical feminina.

Prossegue a luta dos colonos de Ronda Alta

"Companheirada!

Graças ao apoio de todo o povo brasileiro nosso acampamento ainda existe. E nossa luta por terra no Rio Grande continua.

Nós estamos muito unidos para resistir firmes na luta. Temos nossos grupos por barraco, nossa comissão, nossas rezas. Mas sem o apoio do povo, a luta ficaria muito mais difícil. Estamos há mais de um ano nessa luta. Enfrentamos muitas dificuldades. O frio, a chuva, a fome, o coronel Curio, as negativas do governo, a pressão da polícia e tudo mais..."

Começa assim o folheto "A Luta Continua", do Fundo de apoio aos Colonos de Ronda Alta. Neste folheto, a grande novidade: as 220

famílias de colonos se transferiram para a terra batizada de Nova Ronda Alta, uma área de 108 hectares cujo pagamento será feito através de coleta de fundos de apoio. Apenas uma pequena parcela foi adiantada.

A CNBB é a organizadora da campanha que será levada adiante através de coleta nas missas, bônus populares, cartazes e folhetos, conta bancária, e venda de títulos.

A pretensão é chegar a cifra de Cr\$ 25.000.000,00.

No entanto, os colonos sabem que para 220 famílias 105 hectares é muito pouco. "Essa

terra não é pra nos viver. É só pra continuar na luta", explicam no seu folheto. A campanha, além de contribuir para a solução dos problemas mais imediatos dos colonos, visa, segundo a CNBB à "conscientização do povo para o problema social da injustiça da distribuição da terra". Apenas no RS, existem cerca de 180 mil famílias de agricultores sem terra.

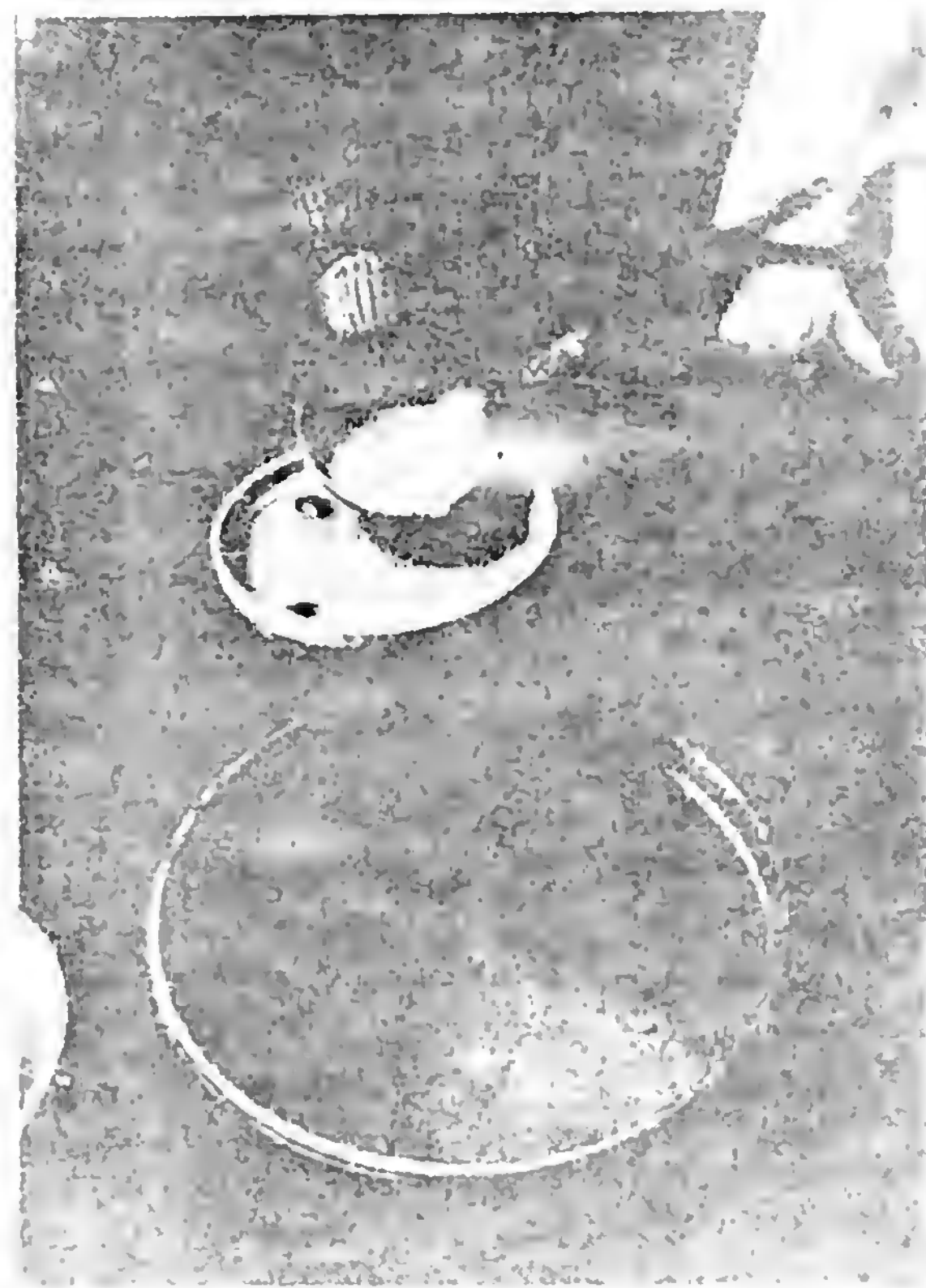
Quem puder, contribua depositando na conta bancária de nº 06.106.900.02 do Banco do Estado do RS, ou então escreva para COMITÊ DE APOIO AOS AGRICULTORES SEM TERRA, CAIXA POSTAL 1916, 90.000 — PORTO ALEGRE — RS.

Resultados Comparativos Censos de 1970 e 1980		
SETOR DE ATIVIDADE	PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS	
	1º/9/1970	1º/9/1980
Economicamente ativas	29.557.224	43.791.763
Atividades agropecuárias, de extração vegetal e pesca	13.087.521	13.101.415
Indústrias de transformação	3.241.861	6.853.598
Indústrias de construção	1.719.714	3.151.094
Outras atividades industriais	333.852	665.285
Comércio de mercadorias	2.247.493	4.111.307
Transporte e comunicações	1.167.866	1.015.541
Prestação de serviços	3.925.001	7.083.709
Atividades sociais	1.531.563	3.041.909
Administração pública	1.152.341	1.812.152
Outras atividades	1.150.012	2.133.753
Não economicamente ativas	36.304.995	44.351.185

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER TRABALHADORA		
SETOR DE ATIVIDADE	1970	1980
População economicamente ativa	6.165.447	12.038.930
Atividades agropecuária, de extração vegetal e pesca	1.257.659	1.772.961
Atividades industriais	635.892	1.783.025
Comércio de mercadorias	370.387	1.169.721
Prestação de serviços	2.389.508	3.975.940
Transportes	61.735	144.710
Atividades sociais	987.689	2.157.911
Administração pública	160.194	332.094
Outras atividades	302.383	394.499

A jornada extenuante...

Os dados do censo de 80 revelam que a semana de 40 horas, velha conquista dos trabalhadores no capitalismo, não chegou ao Brasil.



A revista *Veja* de 14 de abril passado traz uma extensa matéria apoiada nos dados do censo de 1980 sobre o trabalho do brasileiro. Sob o sugestivo título "Macunaíma dá duro", o artigo pretende demolir "o teimoso mito, segundo o qual o brasileiro trabalha pouco e compensa com truques e espertezas essa incurável vocação para a preguiça..."

Uma realidade muito antiga e chocante demais que só agora encontra lugar na imprensa burguesa. De acordo com os dados do censo de 1980, 81% da população economicamente ativa trabalha mais que 40 horas por semana; doze milhões mais que 49 horas por semana;

Mas, é claro, *Veja* não tira todas as consequências das evidências. Em primeiro lugar, a vinculação evidente do número extraordinário de horas trabalhadas com o arrocho salarial. Em segundo, o fato de que

este número extraordinário de horas trabalhadas tem o significado imediato da não incorporação de milhares e milhares de trabalhadores ao mercado de trabalho, de contribuir para o desemprego. E, por último,

que é no coração do moderno capitalismo brasileiro, na indústria, que o regime de trabalho é mais aviltante e mais retrógrado: cerca de 94% do proletariado industrial trabalha quarenta ou mais horas por semana.

HORAS SEMANAIS TRABALHADAS

	MENOS DE 15 HORAS	ENTRE 15 E 29 HORAS	ENTRE 30 E 39 HORAS	ENTRE 40 E 48 HORAS	MAIS DE 49 HORAS	SEM DECISÃO
Número de Trabalhadores	424.543	2.142.796	4.109.800	23.892.438	11.999.719	344.529
Participação em %	0,9	4,8	9,3	54,5	27,3	0,7

... e o salário de fome

86% dos brasileiros economicamente ativos recebem menos do que três salários-mínimos. De acordo com os cálculos do DIEESE, o salário mínimo para permitir a sobrevivência do trabalhador e de sua família deveria ser mais de três vezes superior ao seu valor atual. Isto é, 86% dos trabalhadores brasileiros não recebem o mínimo necessário.

RENDIMENTO MÉDIO MENSAL

	SEM RENDIMENTO	ATÉ 1/2 SAL. MÍN.	ATÉ 1 SAL. MÍN.	DE 1 A 2 SAL. MÍN.	DE 2 A 3 SAL. MÍN.	DE 3 A 5 SAL. MÍN.	DE 5 A 10 SAL. MÍN.	DE 10 A 20 SAL. MÍN.	MAIS DE 20 SAL. MÍN.
Nº DE TRABALHADORES	3.294.659	5.102.186	8.656.170	12.250.755	5.113.455	4.428.022	2.915.282	1.273.678	615.812
EM %	7,5	11,6	19,7	27,9	11,8	10,1	6,6	2,9	1,4

Polo Petroquímico/RS

Protesto dos operários

Quinta-feira, dia 8, um protesto de dois mil operários na Ultratec Engenharia S/A, no canteiro de obras do III Polo Petroquímico em Triunfo-RGS, terminou com cinco feridos e incêndio em uma parte das instalações.

O incidente começou, quando os operários reclamavam descontos indevidos e salários atrasados e foram recebidos por quatro policiais civis que armados com espingardas começaram a atirar, ferindo alguns e dando início a um quebra-quebra, que acabou quando mais policiais e tropas da Brigada Militar apareceram.

A Comissão de Direitos da Assembléia Legislativa, em visita ao canteiro de obras recebeu denúncias de não pagamento da taxa de insalubridade, descontos exagerados nos contra-cheques dos empregados, má qualidade de alimentação e queixas quanto ao aliciamento de trabalhadores do centro e nordeste do país com falsas promessas de bons salários. Os deputados propu-

seram à empresa, que aceitou com relutância, a formação de uma comissão de 70 empregados que representariam os interesses dos trabalhadores até o final da obra.

O Governo do Estado responsabiliza a Ultratec (empresa paulista) pelos acontecimentos, alegando a falta de informação e o não cumprimento da legislação trabalhista.

O fato é que ninguém quer se responsabilizar pelo que tem acontecido desde o início das obras de construção do polo, onde todas as arbitrariedades tem acontecido com os trabalhadores, desde o aliciamento com propostas falsas até o não pagamento de salários, e isto tem provocado muitos protestos dos trabalhadores, inclusive uma greve que acabou há pouco tempo.

O fim da construção do Polo Petroquímico se aproxima, o que vai tornar a situação de seus trabalhadores pior porque todos se encontrarão desempregados. O que pode elevar ainda mais a tensão na região.

1.º de maio/SP

Pelegada com a corda toda

Dando espaço para as confederações e federações, o ato da Pça. da Sé visa reforçar estes organismos com vistas ao Conclat/82

Nas últimas semanas tem se acelerado a preparação para a comemoração do 1.º de maio em São Paulo. Conforme já havíamos assinalado (ver ET nº 147), a festa operária este ano será descentralizada. Acontecerá o ato em São Bernardo, às 10,00 h. da manhã, vários atos regionais nas regiões de concentração industrial de São Paulo: em Osasco, na Vila Brasilândia, zona oeste; em Santo Amaro, zona sul, na zona leste e a região de Itaquera, pela tarde e organizados pela ANAMPOS — Articulação Nacional dos Movimentos Populares — e oposições, e o ato da Praça da Sé às 9,00 h.

Embora as palavras de ordem para os atos sejam unificadas, baseadas nos pontos aprovados pela Pró-CUT: contra o pacote previdenciário; pelo fim do desemprego; pela liberdade e autonomia sindical; pelas liberdades democráticas; seus conteúdos e objetivos são bastante diferentes.

O ato da Praça da Sé, que está sendo organizado pela CSU — Comissão Sindical Única — além daquelas, acrescenta a palavra de ordem pela paz mundial e parece ter um fim claro: reabilitar perante a classe operária as Federações e Confederações, de triste memória. Para tanto, os oradores do ato já estão definidos: um representante pelos Sindicatos, pelas Federações, pela CNTI (Ary Campista em pessoa estará lá), pela pró-CUT, pela CONTAG, pela Igreja e pela UNE.

Estratégia Bem Definida

Além disso, como proposição da CSU, as Federações ficaram encarregadas pela feitura de um boletim e um cartaz únicos para todo o Estado, além de um jornalzinho comemorativo da data. Com essa, os Arys Campistas, Argeus e Joaquinções da vida, além de reformistas de todos os tons estão com a corda

toda, prontos à acusar os organizadores dos outros atos de divisionistas.

Os rumos que toma este ato público, as presenças cada vez mais constantes de representantes das Federações e Confederações nas reuniões da CSU e da Comissão Nacional pró-CUT e os critérios de participação definidos por esta última para o CONCLAT-82 indicam uma estratégia muito bem definida: dar um sopro de vida nova às Federações e Confederações, para que os sete delegados a que elas têm direito entrem no CONCLAT-82 com maior respaldo, mais legitimados para propor e até votar numa CUT que tenha como base os esqueletos de suas entidades.

Frente a essa situação todos os esforços devem ser feitos para a massificação dos atos regionais e de São Bernard do Campo e o desmascaramento do ato da Praça da Sé.

SOS Rio Bonito

abrigará menores

F/EP 23/4/82 15

Com doze amplas casas e um centro comunitário distribuídos por 15 mil metros quadrados de terreno, está praticamente pronta a Aldeia SOS Rio Bonito que, a partir de outubro, será o lar de aproximadamente cem menores abandonados, de até seis anos de idade. Cada casa, com área de 120 metros, será habitada por uma família formada pela "mãe social" e oito a dez crianças, que viverão ali até a adolescência. Nessa época, ainda sob a coordenação do SOS, passarão a viver em repúblicas, dentro ou fora da Aldeia, dividindo a responsabilidade pela administração e condução do novo lar.

A Aldeia SOS Rio Bonito é a décima-primeira implantada no Brasil e semelhante às dezenas instaladas em todo o mundo a partir de 1949. A idéia surgiu na Áustria, como solução para abrigar os órfãos de guerra. Até o ano passado, 55 Aldeias estavam funcionando no mundo, sobretudo em países do Terceiro Mundo.

A implantação e a manutenção das Aldeias são financiadas por milhares de pessoas, através, principalmente, de pequenas contribuições mensais. Sua filosofia é conceder ao menor abandonado uma educação familiar, através de células que se formam com a presença imprescindível da "mãe".

INFRA-ESTRUTURA

São quatro os princípios fundamentais dos SOS utilizados na educação e formação dos menores: a "mãe", os irmãos, a casa-lar e a aldeia. A infra-estrutura material é constituída de casas amplas, de três ou quatro quartos, uma grande sala de jantar e reunião, dois banheiros, área arborizada com quadras e brinquedos destinados ao lazer e um centro comunitário. Neste há uma enorme área destinada à recreação e educação pré-escolar, pequenas salas para terapia, atendimento médico, pedagógico e até profissionalizante e moradia para o zelador e as "tias".

Entretanto, o componente humano é considerado fundamental para o desenvolvimento do projeto. A "mãe" é a figura principal. São selecionadas mulheres com vocação para o atendimento de crianças. Elas passam a exercer, sob pagamento, o papel de "mãe", pessoa responsável pela educação da família (8 a 10 crianças), manutenção da casa e orientação das crianças.

As Aldeias prescindem da figura do pai. Há o dirigente — normalmente casado e pai de uma ou duas crianças — que passa a viver com a família na Aldeia, sendo responsável pelo assessoramento e orientação de cada uma das células. Outra presença importante é a da "tia", que auxilia as "mães", substitui quando adoecem ou necessitam sair; o zelador, responsável pela manutenção da Aldeia e os técnicos. Entre eles o assistente social, psicólogos e médicos.

A criança vive com a família até 13 ou 15 anos, quando então é transferida para outra casa. As meninas continuam na Aldeia, embora em uma casa própria, com pessoas da mesma idade, trabalham fora ou preparam-se para exercer suas funções na sociedade. Os rapazes saem da Aldeia, vão para casas alugadas pelo SOS, continuam recebendo a mesma orientação do dirigente, trabalham. Todos prosseguem os estudos, à noite ou durante o dia.

RIO BONITO

Na nova Aldeia SOS Rio Bonito faltam ainda três meses de obras. As casas estão em fase de acabamento. As "mães", "tias", o dirigente e os técnicos estão sendo preparados.

Por enquanto, foram selecionadas apenas 6 das 14 "mães" necessárias (12 efetivas e duas que atuarão como substitutas quando necessário). Jurdici Santiago Silva é a assistente social responsável pela triagem e seleção das "mães". Trabalhando há quase um ano para o SOS, Jurdici disse que tem procurado "mães" através de visitas domiciliares.

Encontradas as candidatas, a partir de 26 anos, sem filhos, começa o trabalho de triagem e seleção. "De início, elas fazem visitas periódicas às Aldeias existentes e só quando estão seguras de que pretendem assumir a maternidade das crianças e de que estão preparadas para isso, tem início o processo seletivo, bastante rígido."

A "mãe" faz, inicialmente, testes psíquicos e passa, a partir daí, a receber treinamento em psicologia, puericultura, primeiros socorros, higiene, pedagogia, trabalhos manuais, recreação e lazer. Durante o treinamento, as mães fazem estágios, ajudam a cuidar de crianças e recebem a orientação de técnicos. "Preparada e selecionada, a mãe é então contratada."

Ser “mãe” exige vocação

As candidatas a “mães”, por insucessos ou outras circunstâncias, não pretendem casar-se e têm como objetivo dedicar-se às crianças. Entre as que estão em processo de seleção para a Aldeia Rio Bonito, a idade varia de 27 a pouco mais de 30 anos.

Maria da Conceição Aparecida, por exemplo, tem 31 anos. Os pais e oito irmãos vivem em Minas. “Interessei-me em ser mãe em uma das Aldeias meio por acaso. Estava em Poá, passeando, quando soube da existência das Aldeias. Resolvi visitar, ver como era. Gostei tanto que me interessei. Inscrevi-me, comecei o estágio e espero ser selecionada. Sei que posso dar muito para essas crianças”, disse Aparecida, que já trabalhou no Instituto Padre Chico e na Santa Casa, cuidando de crianças.

Benedita Alves de Camargo, 27 anos, já trabalhou na Aldeia SOS de Poá. Desquitada, mãe de uma criança de quatro anos, diz não ter-se adaptado, sobretudo por causa do filho. “Ele era muito novo. Tinha ciúme, vivia agarrado comigo. Resolvi sair e pensar um pouco. Pensei bastante e quero ser mãe de outras crianças. E meu filho já está preparado. Quer mesmo ter irmãos, sei que não atrapalhará. Depois, eu adoro crianças. Sei cuidar delas”.

PRESIDENTE

Cada Aldeia possui uma direção composta pelos voluntários responsáveis pelo SOS, os quais cuidam da manutenção financeira e administrativa. Na Aldeia Rio Bonito, o presidente é Peter Mangels, que se sente bastante feliz ao falar da experiência. “Para nós, o importante é a reprodução da família, a figura carinhosa e companheira da mãe, a solida-

riedade dos irmãos e o aconchego do lar”.

Peter Mangels garante que a Aldeia Rio Bonito estará concluída em agosto, recebendo em outubro as primeiras crianças. “Temos mais de 200 Aldeias em todo o mundo e tem sido uma experiência gratificante. Como as mantemos? Através de contribuições espontâneas. Depois, o gasto não é tão grande assim. Para cada criança é necessário pouco mais de um salário-mínimo, um gasto bem menor do que aquele despendido pela Febem”.

DIRIGENTE

O dirigente (“pai”) é uma figura bastante importante na Aldeia. Sobre tudo na adolescência, seu papel tem sido fundamental. Fernando Marinheiro, um professor graduado em Filosofia, Pedagogia e Ciências Sociais, é dirigente da Aldeia SOS de São Bernardo do Campo, que funciona há 10 anos. “Em São Bernardo, a Aldeia não é mais Aldeia. É uma grande família, maravilhosa, pela qual me sinto responsável. Em qualquer lugar que esteja, estou preocupado com eles”.

Fernando sabe que sua presença e orientação são fundamentais, sobretudo para os adolescentes. “Nós já temos, em São Bernardo, 5 rapazes e 5 mocinhas vivendo separados. As meninas vivem na própria Aldeia. Duas trabalham fora e três estão fazendo cursos como de datilografia, para entrar no mercado de trabalho. Os meninos moram fora da Aldeia, em uma casa so deles. Quatro estão trabalhando e um faz o Senai o dia inteiro. Dois deles trabalham na Volkswagen e dois em um banco. Todos, tanto meninos como meninas, estudam à noite”.



A festa da cumelira, no último sábado, comemorou o término dos telhados.

Feminismo

44 **Vitória que não é só da PUC**

IREDE CARDOSO

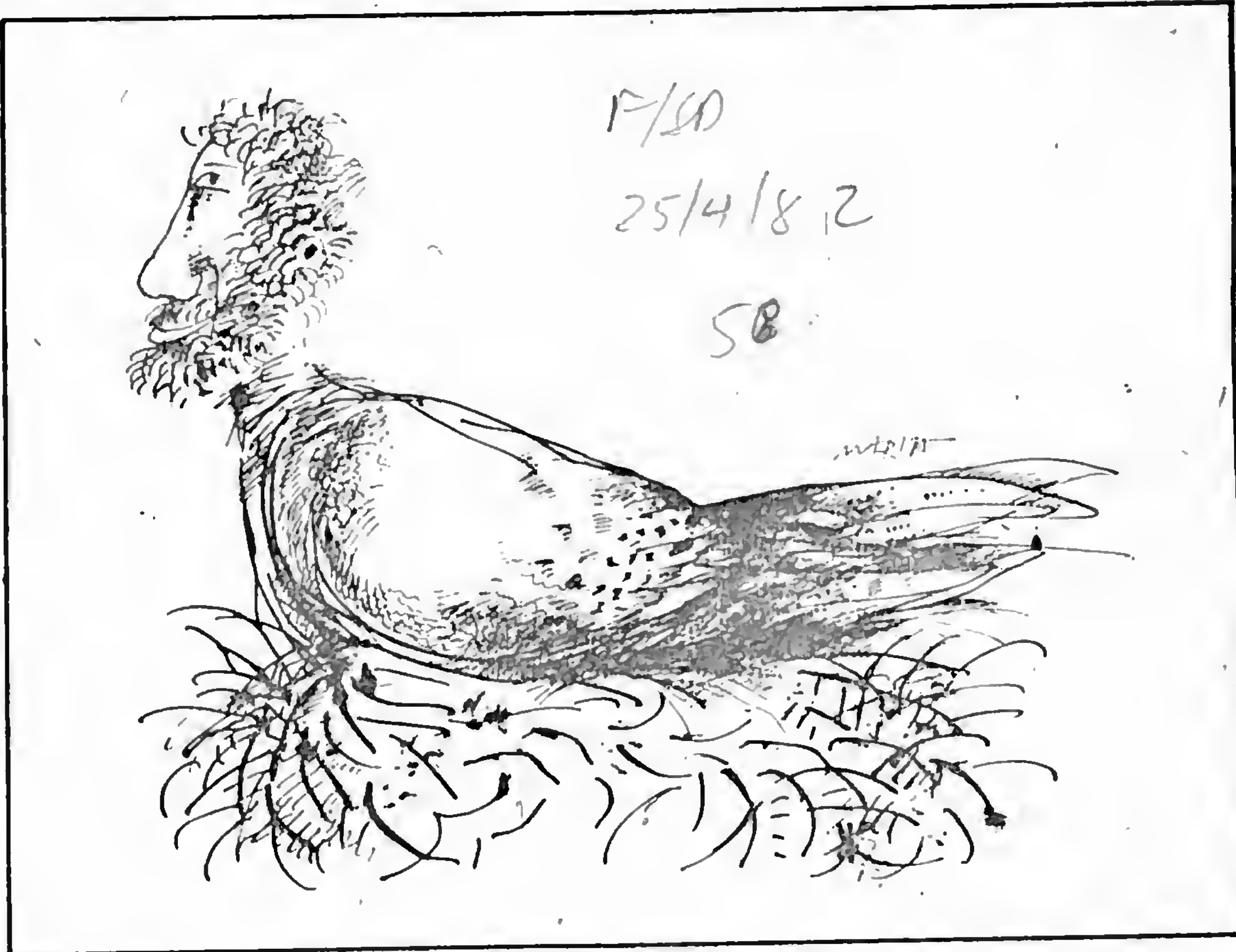
É com grande alegria que escrevo essa coluna de feminismo, hoje. Além das conquistas de organização da mulher, da consciência crescente de que temos um grande espaço a conquistar, da implantação do SOS Mulher, dos Centros de Defesa da Mulher, de serviços de atendimento médico e político, podemos dizer que a primeira grande conquista histórica, concreta, foi conseguida através da mobilização dos docentes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi assim que se conseguiu, entre outras vitórias, que as professoras da PUC tenham 90 dias de licença-maternidade, com pagamento integral dos salários, inclusive no caso de filhos adotivos.

E, além disso, uma das reivindicações mais caras das feministas: foi assegurada aos professores, pais, licença também remunerada, pelo prazo de uma semana, na ocasião do nascimento dos filhos e nos casos de adoção, a título de licença-paternidade, com remuneração para substituição na atividade-aula.

Essa vitória, ainda no âmbito interno da universidade, deverá, segundo o presidente da Associação de Professores, Aluisio Mercadante, fazer parte de campanha entre parlamentares. E, assim, talvez se converta numa lei que poderá aproximar homens e mulheres e, os dois, de seus filhos, de maneira mais adequada ao sentido que temos de paternidade.

Sem deixar de lado a tristeza dos que não puderam ter ou criar seus filhos, e compreendendo também a opção por não tê-los, creio que uma experiência inesquecível para qualquer mãe, por mais atormentada que tenha sido a sua maternidade, é a do contato quente com seu bebê. Por que, então, permitir que o mundo afaste cada vez mais o pai de seus filhos?

A maternidade só deixará de ser uma instituição opressora, machista, quando for dividida com o pai, a empresa e a nação. O primeiro passo, entretanto, é fundamental. Não é possível que as mulheres não tenham consciência do quanto contribuímos, em primeiro lugar, com a formação inadequada de nossos companheiros, quando não lutamos para que eles também tenham tem-



po para cuidar das crianças. E se essa luta parece, para alguns, tão fútil, o que não acredito, é porque não se percebe que ficar com filhos, para um trabalhador, significa transporte adequado, sem horas extras, residência próxima do serviço e melhores condições de vida.

Em segundo lugar, significa também que precisamos parar com esse furor existente em quase todas as empresas, que obriga os trabalhadores a disputar, a produzir muito, a ficar atento aos que "puxam tapete", nessa máquina de fazer doido que é o mundo masculino. Para tornar mais claro, é preciso dar tanta importância ao trabalho, como à vida doméstica.

E, evidentemente, quando falamos deste assunto, sentimos na pele o significado dele. Na realidade, são poucas as profissões que permitem ao trabalhador ter maior convívio ou convívio mais tranquilo com a família. De cara, por causa dos péssimos salários; por causa do fantasma do desemprego etc etc. A luta da mulher, em casa, deve portanto, passar por todos esses pontos.

E, falando ainda da vitória con-

quistada por homens e mulheres da PUC-SP, duas coisas precisam ser ditas. Aluisio Mercadante foi companheiro da nossa saudosa e doce Jane Chiriac, que hoje tem seu nome ligado à Associação de Mulheres. Ela que nos deixou ainda tão jovem, bela, por um desses estúpidos incidentes de saúde, deixou também uma marca profunda por tudo o que fez como pesquisadora, como lutadora e como mulher. O segundo ponto que é preciso ressaltar diz respeito à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesta instituição, o sonho sempre recomeça. Ele não é um "oba-oba", mas uma conquista de todos os que lá trabalham e estudam. É uma conquista também de uma mulher que muito tem honrado a população feminina com a enorme dignidade com que vive, que é a prof.^a Nadyr Kfourl, a reitora. Quem a conhece, entende por que a PUC de São Paulo está sendo uma forjadora da realização da utopia. Juntos, homens e mulheres, na busca de uma vida mais feliz, mesmo em cargos de direção, que não precisam, necessariamente corromper, podem fazer e fazer, da realidade, uma conquista diária na busca do riso e do carinho.

Docentes da PUC ganharão licença por paternidade

Estabilidade no emprego durante o ano letivo; complementação do auxílio-doença pelo Inamps; licença-maternidade de 90 dias, com pagamento integral dos salários, inclusive em caso de adoção de filhos; licença-paternidade, por uma semana, para os professores, também no caso de filhos adotivos: estas são algumas das conquistas dos docentes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, segundo informa o presidente da Associação dos Professores (Apropuc), Aluisio Mercadante.

O acordo trabalhista firmado esta semana e que vigora a partir de 1.º de março passado, resultou de entendimentos mantidos entre a Apropuc e a Reitoria, depois de assembleia de docentes e, segundo Mercadante, marca um momento bastante significativo nas relações entre professores e mantenedoras no Brasil. A PUC-SP foi a primeira universidade a eleger seus diretores, inclusive a reitoria, com os votos de toda a comunidade e a implantar um Conselho Comunitário, formado por representantes das categorias que integram a instituição.

"A experiência democrática — diz o presidente da Apropuc — vai redefinindo a dimensão da cidadania e o compromisso do indivíduo com o processo comunitário. Nosso trabalho, na PUC-SP, é o de recuperar a identidade do professor, como assalariado, educador e, também, cidadão."

Mercadante observa que a instituição atravessa no momento, profunda crise econômica como as demais escolas de ensino superior, com a diferença, entretanto, de "que a resposta a essa crise tem sido, na PUC, democrática".

Quanto ao novo acordo trabalhista, o presidente da Apropuc assinala que alguns itens reivindicados não foram implementados pela reitoria, mas que a atitude dos docentes não foi recorrer à Justiça e sim negociar e assegurar que elas sejam efetivadas em futuro não muito remoto.

"Isso só é possível — diz Mercadante — em comunidade cujos cargos de direção são ocupados por pessoas eleitas pelo voto direto. E essa mesma comunidade, que é a PUC-SP, vai eleger, agora, uma Constituinte para a definição de um novo estatuto que, de alguma forma, expresse também a experiência democrática que estamos vivendo."

"Todavia — acrescenta ele — os problemas de trabalho continuam, faltam

recursos para a pesquisa científica e a carga de trabalho é muito intensa na PUC." Mercadante entende que a responsabilidade por esse quadro é do Estado "que se desobriga gradativamente da tarefa educacional."

"Mesmo dentro de tal situação, é possível termos avanços significativos nas reivindicações trabalhistas. E de todas as que conseguirmos, vale destacar a da estabilidade provisória por um ano, que é um primeiro passo para a recuperação da estabilidade perdida; a estabilidade para os dirigentes da Apropuc. Nós queremos transformar isso tudo em projeto de lei. Além disso, conseguimos várias conquistas feministas: ampliação do prazo da licença-maternidade, inclusive para filhos adotivos e a licença-paternidade, por uma semana".

Para Mercadante, estas últimas vitórias vêm redefinir a participação do homem no seu relacionamento com a companheira e o filho, na divisão do trabalho doméstico e na criação da família. Outro item que ele ressalta é o da complementação do salário-saúde, "uma reivindicação fundamental, dada a precariedade do sistema previdenciário, que prejudica a remuneração do trabalhador enfermo, justamente quando mais precisa de recursos".

ACORDO

A reitoria da PUC-SP reconhece nesse novo acordo, a legítima representação da Apropuc e não demitirá professor a ela associado, sem justa causa, no período de 1.º de fevereiro a 1.º de dezembro; fica vedada a redução da carga horária desde que implique em redução salarial; além disso, os professores receberão "pro-labore" pela participação como representantes docentes em todos os órgãos colegiados.

Ficam assegurados 15 dias corridos de férias em julho e 30, entre 15 de dezembro e 15 de fevereiro; gratuidade do pós-graduação aos professores da PUC, com exceção dos contratados por prazo determinado. Haverá descontos para as anuidades escolares de filhos dos professores da instituição no Colégio São Domingos; desconto de 50% nos espetáculos do TUCA, mediante apresentação da carteira de sócio da Apropuc.

Outras reivindicações ainda estão sendo estudadas, como a de estacionamento gratuito para os professores da escola.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA S/PULO*
Data: *25/04/82*
Pág. *19*

Pasta n.º

N.º do recorte

FBP 25/4/82
**Creche em
Itu para
carentes**

Aos 66 anos de idade, dona Sebastiana Silva Martins todas as manhãs deixa sua casa em Itu, no interior de São Paulo, para recolher donativos, organizar um bazar de pechinchas e resolver problemas no Instituto de Ensino Espírita de Itu, do qual é presidente. O instituto mantém a creche Meimei, para crianças de 2 a 6 anos, e trabalha com famílias carentes. À tarde, ela pode ser encontrada na creche, cuidando de 50 crianças e orientando mães.

No momento, dona Sebastiana está organizando uma campanha para obter uniformes para as 50 crianças da creche, que funciona gratuitamente, com o trabalho voluntário das professoras Neusa Domingues e Denise Leme de Carvalho. Além disso, ela espera aumentar os recursos do instituto, que ainda tem dívidas referentes à construção da sede própria, que hoje funciona com capacidade quase total no Jardim Nova Itu.

"Muitas pessoas estão empenhadas, há algum tempo, em nos ajudar de alguma forma. Mas lutamos com dificuldades que aos poucos vamos solucionando", diz ela, que no momento atende apenas 3 famílias carentes — antes, chegou a atender 100 famílias. "Vamos tentar aumentar o atendimento, porque o número de famílias carentes aqui no bairro é grande e acredito que a orientação, a partir das crianças, é essencial."

INÍCIO

O trabalho desenvolvido por dona Sebastiana começou de forma rudimentar, tomando conta de algumas crianças carentes. Na década de 60, ela resolveu, juntamente com um grupo de pessoas, fundar uma instituição que pudesse realizar trabalho mais amplo. Contou com a ajuda de frei Constâncio, porque sua aposentadoria de Cr\$ 7.000 era insuficiente.

"Ele realizou uma quermesse cuja renda foi revertida para o instituto. Queríamos adquirir um terreno para construir a sede, só que a quantia não era suficiente."

Mas dona Sebastiana estava com sorte e uma pessoa bateu à sua porta, para lhe oferecer um terreno a preço baixo. "O dinheiro que tínhamos acabou sendo suficiente até para a escritura", conta. Em seguida, aprendizes de pedreiro do Senai ajudaram a levantar as paredes do prédio, que inicialmente tinha três salas e cozinha.

"Começamos a realizar reuniões com as famílias, que ajudávamos com mantimentos e tudo o mais que conseguíamos, especialmente através do programa Pró-Nutre. As mães que não podiam trabalhar recebiam orientação sobre tarefas que pudessem desempenhar dentro de casa. Outras passaram a nos ajudar na própria creche, cuidando da limpeza e até das crianças."

Dona Sebastiana afirma que, a passos pequenos, foram obtidos ótimos resultados. A maior parte das famílias acabou comprando terreno para levantar casa e encaminharam as crianças à escola, a partir da orientação do instituto.

AMPLIAR ATIVIDADES

A Prefeitura de Itu ofereceu a mão-de-obra para concluir a construção da sede do instituto e dona Sebastiana se encarregou de recolher donativos e arcar com algumas despesas de material. Em setembro do ano passado, ela finalmente inaugurou o instituto, que em breve manterá cursos de costura, culinária, higiene e orientação sexual para os jovens do bairro.

"A Prefeitura, diz dona Sebastiana, nos cedeu um terreno para ser transformado em Parque de Lazer para as crianças do bairro. Ganhamos até mesmo os brinquedos, mas caberá a nós o trabalho de limpeza e de murar toda a área."

A filosofia de dona Sebastiana é a de que "se a gente não se sacrifica um pouco, não será o governo que irá resolver todos os nossos problemas". Por isso, ela pretende dar continuidade ao trabalho, mesmo afirmando que já está cansada e até com problemas de saúde.

Quem estiver interessado em entrar em contato com dona Sebastiana Silva Martins, pode fazê-lo no seguinte endereço: avenida Alfredo Savi, 290, Jardim Nova Itu, Itu, ou pelo telefone 482-3909, à noite.

Reynaldo pede Cr\$ 2 bilhões em Brasília

O prefeito Reynaldo de Barros viaja hoje a Brasília, onde manterá audiências com os ministros do Exército, Walter Pires, e da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, mas a pauta dos encontros não foi revelada. Reynaldo ainda se encontrará com o presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Macieira, a quem pedirá a liberação de créditos num total de dois bilhões de cruzeiros para construção de creches.

Após ser recebido no Palácio do Planalto, o deputado Maluf Neto (PDS-SP) garantiu ontem que as bases políticas do governador Paulo Maluf e do ex-governador Laudo Natel "estão começando um processo de aproximação no interior do Estado, tendo em vista a necessidade de enfrentar o adversário comum, que é o PMDB". Enquanto isso, porém, o deputado Arthur Alves Pinto, ao participar da reunião da Associação dos Municípios do Oeste Paulista, na cidade de Valentim Gentil, foi taxativo: — Mais de 90% dos delegados do PDS já



J. Tadeu 27/4/82
assinaram documento indicando o nome de Reynaldo de Barros a candidato a governador. Por isso, não vejo como outro candidato, também do partido (referindo-se a Natel) possa conseguir os 10% de delegados para apresentar-se à convenção.

Apesar das afirmações de Alres Pinto, contudo, o grupo de Laudo Natel já iniciou a formação da chapa para concorrer à convenção, contando com "a representatividade de empresários e principalmente de políticos do Interior". O ex-governador, contudo, prefere não revelar os nomes por enquanto, porque isso "poderia dar armas aos adversários políticos".

De acordo com assessores de Natel, ele tem participado de sucessivas reuniões com os políticos que aderiram à sua candidatura ao governo, e que estão participando da formação da chapa, "o que lhe dá certeza de vencer a convenção do PDS com o apoio de, no mínimo, 80% dos convencionais do partido".